UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

LUDMILA DA CONCEIÇÃO SANTOS

MEMÓRIA E HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA

Ouro Preto, MG.

2021

LUDMILA DA CONCEIÇÃO SANTOS

MEMÓRIA E HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Museologia do Departamento de Museologia da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia

Linha de Pesquisa: Patrimônio e Memória

Orientador: Prof. Dr. Célio Macedo Alves

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S237h Santos, Ludmila da Conceição .
História e memória [manuscrito]: Um estudo de caso sobre o Museu do Holocausto de Curitiba. / Ludmila da Conceição Santos. - 2021.
73 f.: il.: color., mapa.

Orientador: Prof. Dr. Célio Macedo Alves.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Museologia .

1. Museus - Holocausto judeu (1939-1945). 2. História. 3. Memória. I. Alves, Célio Macedo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 069

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE MUSEOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ludmila da Conceição Santos

Memória e História: um estudo de caso sobre o Museu do Holocausto em Curitiba

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade Federal
de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia

Aprovada em 20 de Abril de 2021

Membros da banca

Professora Doutora Gabriela de Lima Gomes - Universidade Federal de Ouro Preto
Professor Doutor Gilson Antônio Nunes - Universidade Federal de Ouro Preto
Professor Doutor Célio Macedo Alves - Universidade Federal de Ouro Preto

Célio Macedo Alves, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 28 de Julho de 2021

Documento assinado eletronicamente por **Celio Macedo Alves**, **PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/07/2021, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0 , informando o código verificador **0199105** e o código CRC **05A0A1D2**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.007546/2021-11 SEI nº 0199105

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por me proporcionarem um dos maiores bens que um ser humano pode ter à sua disposição, a oportunidade do estudo e o incentivo para nunca desistir dos meus objetivos. Ao orientador, Profº. Dr.Célio Macedo Alves, por me assistir na orientação deste trabalho e também ao Museu do Holocausto de Curitiba por me ceder os materiais necessários para a realização deste trabalho.

A todos os amigos, que tive o prazer de conhecer nessa longa jornada em minha vida acadêmica.

A todos vocês, a minha gratidão.

“É difícil em tempos como estes: ideais, sonhos e esperanças permanecerem dentro de nós, sendo esmagados pela dura realidade. É um milagre eu não ter abandonado todos os meus ideais, eles parecem tão absurdos e impraticáveis. No entanto, eu me apego a eles, porque eu ainda acredito, apesar de tudo, que as pessoas são realmente boas de coração”.

Annelies Marie Frank

RESUMO

O presente trabalho aborda o que originou a segunda Guerra mundial desde a sua eclosão a “solução final” e seus objetivos para com os judeus e a concepção de lugares memórias e exposições de longa duração e de linhas programáticas de ações de museus e memoriais relacionados à temática do Holocausto que promovem o exercício da função social dos museus na sociedade. O trabalho apresenta o Museu do Holocausto de Curitiba como estudo de caso, instituição cultural e educacional dedicada à pesquisa, preservação e comunicação da memória e da história do Holocausto.

Palavras-chave:
Direitos Humanos; Holocausto; Memória; História; Museu do Holocausto de Curitiba.

ABSTRACT

This work addresses what originated the Second World War since its outbreak, the “final solution” and its objectives for the Jews and the conception of places of memories and long-term exhibitions and programmatic lines of actions in museums and memorials related to themes of the Holocaust that promote the exercise of the social function of museums in society. The work presents the Holocaust Museum in Curitiba as a case study, a cultural and educational institution dedicated to research, preservation and communication of the memory and history of the Holocaust.

Key words:
Human rights; Holocaust; Memory; History; Curitiba Holocaust Museum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras1, 2 e 3. Obra Tempos Transversos. 44
Figuras 4, 5. Vistas do pátio externo do Museu, logomarca e frase de Anne Frank.....45
Figuras 6 e 7. Painel com logomarca do museu e texto de abertura.....46
Figuras 8 e 9. Projeção A vida plena judaica e painel com cronologia.....47
Figura 10. Ruptura.....48
Figuras 11 e 12. Fragmento da Torah e painéis com imagens ampliadas.....49
Figuras 13 e 14. Painéis ampliada do boicote econômico.....50
Figura 15. Entrada do Núcleo A Segunda Guerra Mundial.....50
Figuras 16 e 17. Painéis com imagens do gueto de Varsóvia.....51
Figuras 18 e 19. Telas dos terminais interativos.....52
Figura 20. Detalhe do mapa dos guetos.....53
Figura 21.Painel com imagens de soldados alemães.....53
Figura 22. Detalhe da legenda do mapa.....54
Figuras 23 e 24. Vitrines com documentos.....55
Figura 25. Vitrine com projeção númerica.....56
Figuras 26, 27 e 28. Instalações com pares de sapatos.....57
Figura 29. Vitrine com réplicas de boneca e violino.....58
Figuras 30 e 31. Textos Introdutórios.....59
Figuras 32 e 33. Instalações cenográfica.....60
Figuras 34 e 35. Textos de abertura e reprodução de Lasar Segali.....61
Figura 36. Terminais com depoimentos.....62
Figuras 37 e 38. Texto de abertura e monitores de TV.....63
Figura 39. Painel com imagens de reecontros.....63
Figuras 40 e 41. Instalações multimídia.....64
Figura 42. Painel cartográfico e iconográfico com rotas imigratórias.....64
Figura 43. Projeção de imagens de famílias judias.....65
Figura 44. Instalação de homenagem ás vitimas.....66
Figura 45. Organograma do museu.....68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AHO – Association of Holocaust Organizations
AIPR – Auschwitz Institute for Peace and Reconciliation
APA – American Psychological Association
BKM – German Federal Commission for Culture and Media Affairs
CDJC – Centre de Documentation Juive Contemporaine (Centro de Documentação Judaica Contemporânea)
CELIN – UFPR – Centro de Línguas e Interculturalidade da Universidade Federal do Paraná
CESMUS – Centro de Estudos de Sociomuseologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa
CIP – Centro Israelita do Paraná
CNV – Comissão Nacional da Verdade
DEOPS/SP – Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo
FFLCH-USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
FIHRM – Federation of International Human Rights Museums
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
ICJBS – Instituto Cultural Judaico-Brasileiro Bernardo Schulman
ICMEMO – International Committee of Memorial Museums in Remembrance of the Victims of Public Crimes (Comitê Internacional do ICOM de Museus e Memoriais em memória de vítimas de crimes públicos)
ICOFOM – International Committee for Museology (Comitê Internacional para a Museologia)
ICOM – International Council of Museums (Comitê Internacional de Museus)
ICTOP – International Committee for the Training of Personnel (Comitê Internacional do ICOM para Formação)
IHRA – International Holocaust Remembrance Alliance
INTERCOM – International Committee on Museums Management
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Nacional (Ministério da Cultura – Brasil)

JCA – Jewish Colonization Association

LEER/USP – Laboratório de Estudos da Etnicidade e Racismo da Universidade de São Paulo

MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia

NSDAP – Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional Socialista dos Traballhadores Alemães)

NUOME – Núcleo de Oralidade, Memória e Esquecimento do MINOM

ONU – Organização das Nações Unidas

ORCALC – Oficina Regional de Cultura para a América Latina e o Caribe

PISC – Programa de Inclusão Sociocultural do Setor Educativo da Pinacoteca do Estado de São Paulo

PNDH3 – Programa Nacional de Direitos Humanos

SJAM – Social Justice Alliance for Museums

UFPR – Universidade Federal do Paraná

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

UNICEF – United Nations Children's Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância)

USC – University of Southern California

USHMM – United States Holocaust Memorial Museum

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1. A COMUNIDADE NAZISTA 14

1.1. A criação e ascenção ao poder do Partido Nazista 15

1.2. A regência das massas e a potência da propaganda Nazista 18

1.3. Meios da tradição antissemita europeia..... 23

1.4. A segunda Guerra Mundial 24

1.5. O conluio judeu internacional e a solução final 28

2. A CONCEPÇÃO DE MEMÓRIAS: A REINTEGRAÇÃO DO PASSADO.....32

2.1. A memória coletiva.....32

2.2. Alguns termos sobre a memória.....32

2.3. História e memória.....33

2.4. Memória Coletiva.....35

2.5. O povo judeu e a memória coletiva.....37

2.6. Os museus como lugares de memória.....38

3. O MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA.....41

3.1 Desenvolvimento do projeto.....41

3.2. A exposição de longa duração.....42

3.3. Percurso expositivo.....43

3.4. O Museu do Holocausto em execução.....66

3.4.1. Organograma institucional.....67

3.4.2. Salvaguarda do Museu.....68

3.4.2.1 Recolhimentos de depoimentos.....68

3.4.2.2. Comunicação.....69

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....70

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....72

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivos trazer a memória, a história de um grupo, especialmente os judeus sobreviventes, e usando o Museu do Holocausto da cidade de Curitiba para um estudo de caso sobre a memória, prestar homenagem às vítimas e os sobreviventes do Holocausto, bem como seus familiares e aqueles considerados “justos entre as nações”; Promover o debate sobre o preconceito ao longo das civilizações, tomando exemplo a questão judaica; Afirmar a importância de se lembrar das vítimas do Holocausto.

A realização deste trabalho foi motivada por diversas razões, sendo alguma destas o desejo de compreender melhor os acontecimentos extremos do século XX, entre eles o nazismo, o gosto em trabalhar com fontes e com a problemática da memória e além de ser um tema de suma importância, pois se trata de um dos passados mais obscuros da história da humanidade, o Holocausto.

Com o intuito de possibilitar e dar continuidade a memória dos sobreviventes da Shoah[1], fora criado no Brasil o Museu do Holocausto, localizado na cidade de Curitiba, capital do Paraná. O museu além de abordar as vítimas do Holocausto, traz também discussões de outros assuntos como racismo, intolerância e preconceito nos dias atuais. Portanto, buscou-se reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: De que forma o estudo do Museu do Holocausto pode contribuir para com o resgate da memória dos judeus perseguidos durante a Segunda Guerra mundial na atualidade?

Para o desenvolvimento do presente trabalho foram utilizadas pesquisas bibliográficas, além de estudo de caso. A pesquisa bibliográfica baseou-se em publicações científicas da área da memória e da história.

O trabalho de conclusão de curso estrutura-se em três capítulos, apresentando-se no primeiro a história e definições e as causas acerca da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto judeu baseado em vários autores. No segundo capítulo é abordada a questão da memória, tanto individual quanto a coletiva, envolvendo origem, conceitos e mencionando a importância desta nos estudos sobre a tematica enredada. O terceiro capítulo caracteriza o estudo de caso, com análise da

[1] Shoah é o termo da língua iídiche usado para definir o holocausto judeu.

organização do objeto de estudo, envolvendo sua identificação, breve histórico e demais itens que compõem o Museu do Holocausto de Curitiba.

1. A COMUNIDADE NAZISTA

O Holocausto, genocídio cometido pelos nazistas contra o povo judaico durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), se restringe a um lugar de notoriedade nos livros de história, sendo definido como um dos acontecimentos mais violentos do século XX. No entanto, as atrocidades do partido Nacional-Socialista alemão ocultaram a minuciosadade discursiva que os nazistas utilizaram para fundamentar seus atos[2].

As intenções de Hitler, líder do partido nazista, foram alcançados ao longo de anos de preparação e treinamento. A apoderação do poder político, o avanço sobre as instituições democráticas e o pavor ideológico legitimado formaram o quadro totalitário mais conhecido da história europeia.

O instrumento de propaganda usado doutrinava os cidadãos que faziam parte da *Volksgemeinchaft*[3] a medida que, juntamente, discriminava aqueles que não faziam parte do padrão ideal nazista. Os comportamentos eram homogeneizados graças a ilusão das massas que se julgavam elementos dos rumos políticos do país, assim, o regime obteve glória ao formar uma sociedade organizada em torno de um partido, sem espaços para questionamentos ou divergências.

O ambiente de delírio existente em todo III *Reich*[4], fez com que a guerra fosse validada e, através da trama judaica internacional, a população fora convencidas de que com o genocídio dos judeus aproveitariam dos benefícios de uma população purificada. Deste modo, não houveram grandes impedimentos à Solução Final[5].

---

[2] HERF, Jefrey. Inimigo Judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. Trad. Walter Solon. São Paulo: EDIPRO, 2014, p. 25.
[3] *Volksgemeinschaft* é um conceito promovido durante o Terceiro *Reich*, que defendia uma comunidade nacional da etnia alemã, com o objetivo de construir uma sociedade sem classes, baseada na pureza racial.
[4] *Reich*, é uma palavra alemã que significa 'império' ou 'reino'.
[5] Entende-se por Solução Final os planos nazistas de extermínio dos judeus nos campos de Concentração.

1.1 A criação e ascenção ao poder do partido Nazista

Como alternativa ao contexto alemão, em 1919, foi criado o Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), direitista, que tinha como princípios básicos o nacionalismo intensificado, o antissemitismo, o anticomunismo, antiparlamentarismo e o arianismo – pelo qual uma raça pura deve estabelecer-se como principal, num Darwinismo social que durante a Segunda Guerra Mundial atestara a luta pelo espaço básico e a existência dos campos de concentração. É neste ano, que Adolf Hitler ingressa ao partido. Um ano mais tarde, o nome é alterado para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), e Hitler, ex-cabo do exército, chega a presidência do partido.

As propostas nazistas foram estruturadas no livro Mein Kampf, escrito por Hitler, quando estava na prisão após uma tentativa frustrada de golpe de Estado – o Putsch de Munique[6], no ano de 1923. O livro mais tarde servirá como manual de conduta dos membros do partido nazista.

De fato, pode-se afirmar que ao longo da década de 20 cada vez mais os ideais nazistas foram crescendo por todo território alemão. Com a queda da bolsa de valores de Nova York, em 1929, o apoio ao Partido foi se intensificando, conquistando militares, burgueses, desempregados e a classe média em geral. Nessa direção, disserta Alcir Lenharo:

> A crise alemã acompanhava o movimento da crise geral capitalista desde a queda da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929. A recuperação alemã do pós-guerra estivera montada sobre os maciços investimentos norteamericanos e ingleses e sobre uma economia de exportação; com a crise, os capitalistas externos refluíram, as exportações cederam e as importações industriais tornaram-se proibitivas. A crise avançou e, em 1932, os desempregados atingem o número de 6 milhões – quase um terço do total de trabalhadores. Esse quadro social é suficiente para demonstrar a perda relativa do papel político que os sindicatos desempenhavam na cena política e da dificuldade que as esquerdas encontravam para enfrentar as forças nazistas em ascensão.(LENHARO, Alcir, 1986, p.25).

[6] Também chamado de Golpe das Cervejarias, o golpe em si não teve grandes dimensões, mas serviu para chamar a atenção dos alemães sobre o crescimento do nacional-socialismo. Disponivel em: https://jornalggn.com.br/historia/o-putsch-de-munique-a-tentativa-de-golpe-de-hitler-em-1923/.

Ainda que na prática não criasse objetivos concretos e definidos, ao propor a pacificação da luta de classes, ao mesmo tempo que prometia desfazer as diferenças sociais, o partido conseguia adeptos tanto entre os conservadores quanto entre os esquerdistas, uma vez que considerava todos simples cidadãos alemães. Com isso, despertava um entendimento de união social, ausente na Alemanha desde antes da Primeira Guerra Mundial.

Outro distinguidor nazista, era o fato do partido procurar adeptos não somente entre os grupos próximos, mas nos ideologicamente opostos. Além disso, apesar das tendências chauvinistas da época causaram inúmeras tentativas de golpes da direita, o partido conseguiu prosperar, tendo em vista que “sua organização e propaganda foram mais fortes que a improdutividade de seus oponentes”.

Tal como, que no ano de 1932 os nazistas venceram as eleições, e em 30 de janeiro de 1933, Hitler foi nomeado – pelo presidente Hindenburg – o *Führer*[7]. Inaugurando o III *Reich*, que iria durar 12 anos.

Além de que, pode-se afirmar que o partido fez da tomada do poder algo bastante espalhafatoso: com direito a desfile noturno, soldados carregando tochas e cantando canções, como palco foi escolhido o Portão de Brandemburgo – de grande valor histórico. Assim, para a população, os nazistas tomavam o poder como última esperança após as inúmeras dificuldades enfrentadas durante a República de Weimar, tratava-se de uma verdadeira revolução, uma nova era para a Alemanha.

Com a ascensão ao poder, o primeiro objetivo de Hitler estava completo, a partir daí poderia se iniciar a caça aos opositores políticos.

Os comunistas, que tentavam promover uma revolução nos padrões do que ocorreu na União Soviética, foram os primeiros a serem perseguidos. Em 27 de fevereiro de 1933 foram culpados, falsamente, pelo incêndio ao *Reichstag* (Parlamento), e como consequência, o Partido Comunista (KPD) foi considerado proibido e teve seus jornais censurados. De fato, esse acontecimento representou mais do que o começo da caça aos inimigos do regime, mas a destruição da construção física que mais retratava as instituições democráticas.

---

[7] *Führer* em alemão, "condutor", "guia", "líder" ou "chefe". Deriva do verbo führen “para conduzir”. Embora a palavra permaneça comum no alemão, está tradicionalmente associada a Adolf Hitler, que a usou para se designar líder da Alemanha Nazista.

Iniciava, assim, um prolongado processo, que acumularia o poder nas mãos do *Führer* e o tornaria o ponto central de todas as decisões políticas do regime. Nesse sentido, em março do mesmo ano foi aprovado o *Ermächtigungsgesetz* (pacote político), que concentrava nas mãos do Poder Executivo quase todas as atribuições parlamentares.

Futuramente, o Partido Nazista foi tido como o único partido legal. Os cidadãos aterrorizados pelas perseguições, assassinatos e desaparecimentos de alguns líderes políticos, não se opôs às ações do partido. A propósito o presidente Hindenburg nunca fez interferências nas políticas nazistas.Decerto, este se acomodou em seu cargo, onde permaneceu até sua morte em 1934, oportunidade na qual Hitler passou para si seu título, acumulando os cargos de chanceler e presidente.

Sem dúvida, é certo o caso dos nazistas terem chegado ao poder dentro da legalidade – em uma época que praticamente todos os países europeus passavam por uma fase de movimentos autoritários, com governos antidemocráticos e ditatoriais.

Quando chegou ao poder, Benito Mussolini tinha como fim último a tomada do governo por parte de uma elite fascista, pretendendo governar por meio do uso da violência.Contudo, a ideologia típica do totalitarismo vai além disso, ela manda nos seres humanos internamente. Deste jeito, a conquista do poder não era o objetivo principal, mas sim a incorporação do maior número de pessoas possíveis à estrutura totalitária.

A esta perspectiva disserta Hannah Arendt:

> Os regimes totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual. (ARENDT, Hannah, 1989, p.360)

Importante ressaltar que nenhum outro Estado ou movimento conseguiu tal nível de dominação. É o que afirma Carl J. Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski ao dizerem que “num sentido amplo, a ditadura totalitária é uma manifestação nova; nunca existiu nada que lhe fosse semelhante[8]”.

[8] FRIEDRICH; BRZEZINSKI, 1965, p. 16.

De todo o anunciado, era neste meio intimidador que o Partido Nazista planejava seu intuito para o controle total. Usaria, para isso, os recursos propagandísticos e de terror – existentes em todo período que o partido esteve no poder, e que nos próximos anos só viriam a se fortalecer.

1.2 . A regência das massas e a potência da propaganda Nazista

É acertado que nenhum outro partido se preocupou tanto com as extensas multidões. O manuseio das massas era um verdadeiro instrumento político, a ponto de ser possível considerar o Nacional-Socialismo uma “propaganda disfarçada de ideologia”.[9]

> Para o historiador alemão Joachim Fest, o nazismo inaugurava uma nova modalidade de política, pensada mais em termos heroicos e trágicos do que sociais, de modo a se converter em algo compreendido, aceito e compartilhado por uma população apolítica. [...] a população alemã seria vítima de um anestesiamento coletivo, e não teria forças psicológicas para romper o cordão de encantamento que a prendia ao regime. (LENHARO, Alcir,1986, p. 09)

Neste mesmo seguimento,Hannah Arendt disserta acerca do apoio popular ao partido:

> A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas críticas internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas. (ARENDT, Hannah,1989, p.390)

Hannah Arendt firma que o apoio das massas é considerado um aspecto fundamental para a ascensão e sucesso dos governos totalitários, sendo que se entende por “massas” a população sem uma consciência de classe, interesse em comum, posicionamento ou filiação política. Na verdade, a função que as massas populares executaram na eleição de regimes totalitários através de sistemas majoritários de voto abalou a confiança que tínhamos na soberania da maioria, e significou o fim de duas ilusões dos países democráticos, quais sejam:

[9] HERF, 2014, p. 28.

> A primeira foi a ilusão de que o povo, em sua maioria, participava ativamente do governo e todo indivíduo simpatizava com um partido ou com outro. Esses movimentos, pelo contrário, demonstraram que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de governo democrático e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com as normas que, na verdade,eram aceitas apenas por uma minoria. A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação. Agora, os movimentos totalitários demonstravam que o governo democrático repousava na silenciosa tolerância e aprovação dos setores indiferentes e desarticulados do povo, tanto quanto nas instituições e organizações articuladas e visíveis do país. (. (ARENDT, Hannah,1989, p.362.)

A falta de interesse pelo contexto político, por parte das massas populares, ocorreu de um episódio de colapso do sistema de classes. Em sua maioria, as classes sociais eram representadas por pequenos grupos que seguiam certas tradições políticas, fazendo com que nem todos os cidadãos se sentissem responsáveis pelas decisões do governo. Em consequência disso, as classes se transformaram em massas sem representatividade e os partidos políticos passaram a encontrar dificuldade no recrutamento de novos membros, tendo em vista que a população acreditava intensamente que as autoridades constituídas eram desonestas e más.

Diante dessa situação, a diferença do partido nazista foi recrutar seus membros dentre as massas de pessoas que não tinham experiência política anterior e, justamente por isso, acabou por criar um grupo que nunca havia sido reprovado pelos outros partidos.

> Sem a participação das massas, os sistemas totalitários não seriam possíveis. A massa não deveria apenas reagir aos impulsos do Führer e do Partido, mas também agir com estes. Não se trata de um agir criativo ou democrático, mas de fortalecer as normas do sistema totalitário. Embora a população participasse ativamente do sistema, ela não o determinava. No nacional-socialismo, a massa não tem poder de decisão nem aspira a esse poder.(DIEHL, Paula, 1996, p.43-44).

Deste modo, os ideais totalitários somente se tornaram possíveis graças ao coletivo,e ao fato de as grandes evoluções da sociedade não ocorreram pelo conhecimento científico das massas, mas pelo fanatismo entusiasmado que as

impulsionava. E este fanatismo, no regime nazista, foi construído por meio da propaganda.

> [...] o que é desconcertante no sucesso do totalitarismo é o verdadeiro altruísmo dos seus adeptos. É compreensível que as convicções de um nazista ou bolchevista não sejam abaladas por crimes cometidos contra os inimigos do movimento; mas o fato espantoso é que ele não vacila quando o mostro começa a devorar os próprios filhos, nem mesmo quando ele próprio se torna vítima de opressão, quando é incriminado e condenado, quando é expulso do partido e enviado para o campo de concentração ou de trabalhos forçados. Pelo contrário: para o assombro de todo o mundo civilizado, estará até disposto a colaborar com a própria condenação e tramar a própria sentença de morte, contanto que o seu status como membro do movimento permaneça intacto [...] dentro da estrutura organizacional do movimento, enquanto ele permanece inteiro, os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte. (ARENDT,Hannah, 1989, p. 357-358).

Precisamente porque o regime precisava do apoio popular, o líder totalitário não se apresentava como um ditador com sede de poder, mas como um funcionário do povo. Hitler, ao comunicar suas intenções políticas, se mostrava como um líder disseminador de profecias. Assim, tudo acontecia porque já estava previsto, isso levava a população a acreditar que o governo era eficaz.

Aprofundando na situação da propaganda propriamente dita, após a tomada do poder houve uma inversão da lógica propagandística. A campanha que inicialmente servia para criticar os problemas da República de Weimar, passou a servir para abafar as críticas ao governo. As dificuldades depois de 1933 foram dadas como resolvidas, em uma tentativa de estabelecer uma realidade e ordem incontestáveis,de modo a convencer a sociedade de que as escolhas do partido nazista representavam o melhor para o futuro da Alemanha.

Já no primeiro ano de governo, cerca de dois mil jornalistas alemães – dentre eles judeus, liberais, conservadores, comunistas e social-democratas – ficaram desempregados, foram exilados ou sofreram prisões arbitrárias. Nessa direção, a Lei de Controle Editorial (1933) formulada pelo diretor de imprensa, Otto Dietrich, colocou todos os editores de jornais sob controle do governo. Somente podiam exercer a profissão os editores considerados arianos, e dentre estes, não era permitido que fossem casados com judeus. Com essa lei, foi completamente barrada a possibilidade de atividade jornalística para o povo judaico na Alemanha.

Destaca-se que não necessariamente todos os meios de comunicação eram propriedade estatal, porém eram controlados pelo Estado como se fossem assim, de maneira a garantir uma propaganda positiva do governo.Da mesma maneira, a opinião dos alemães também era ajustada pelo controle que o partido exercia no campo cultural. Um exemplo é o episódio da *Bücherverbrennung* (queima dos livros antigermânicos), organizado pelo Ministério do *Reich* de Esclarecimento Popular e Propaganda[10], chefiado por Joseph Goebbels.

Nesta circustância, todos os livros de autores não germânicos foram atirados ao fogo, como forma de descontaminar a cultura alemã. O Estado, portanto, dava as rédeas do que deveria ou não ser lido, e participava ativamente da “educação intelectual” da população.[11]

Todo este instrumento de propaganda era essencial para a manutenção do regime, independentemente se as noticias divulgadas era falsas ou não. Os princípios da moral e ética não eram considerados. Assim sendo, o mundo totalitário age de tal modo que é construída uma realidade artificial, na qual a propaganda tem a função de proteger suas frágeis estruturas, ao mesmo tempo que molda os indivíduos a darem credibilidade a esta construção, mantendo o sistema vivo.

Desta forma, as críticas eram sempre retorcidas e as mentiras descobertas, os fatos que não interessavam ao regime eram desprezados. Nesta situação de ficção a propaganda progredia, e conseguia, cada vez mais, distânciar a população do mundo real.

Via de regra, a mais importante consequência de todo o sistema de propaganda nazista, é o fato de que levava a população à alienação sobre todos os mais diversos tipos de questões, de acordo comFriedrich e Brzezinski:

> O fato de haver um controle monopolista dos meios de comunicação provoca gradualmente no público um profundo descredito em todas as notícias e outras espécies de informação. Como as pessoas não têm outra fonte de informações, surgem constantes ondas de boatos, bem como criase uma decepção geral. E como o homem não pode pensar sem ter alguma informação válida em que basear seu pensamento, o público tende a se tornar alheio a todas as questões gerais. (FRIEDRICH; BRZEZINSKI, 1965, p. 106.)

[10] O fato de existir um Ministério específico para a propaganda alude o entrecruzamento do Estado com o partido nazista

[11] De igual modo, o Estado participava também na educação esportiva, por meio da Juventude Hitlerista (Hitlerjugend).

A dimensão da propaganda nazista era imensa, que instigava as massas a acreditarem que o partido era mais poderoso que as autoridades constituídas, tanto é, que poderia confessar a autoria de inúmeros crimes sem nunca temer uma retaliação ou condenação. Dessa forma, ganhava mais adeptos, tendo em vista que era mais fácil pertencer ao regime nazista do que tentar fazer oposição.
Nessa lógica discursa Hannah Arendt:

> [...] o que caracteriza a propaganda totalitária melhor do que as ameaças diretas e os crimes contra indivíduos é o uso de insinuações indiretas, veladas e ameaçadoras contra todos os que não derem ouvidos aos seus ensinamentos, seguidas de assassinato em massa perpetrado igualmente contra “culpados” e “inocentes”. (ARENDT, Hannah, 1989, p. 394)

Além de todo o que fora apresentado, é certo que isoladamente a propaganda política não é motivo suficiente para a instauração de um regime totalitário – visto que sempre esteve presente nos governos modernos. Assim, a característica da propaganda no regime totalitário consiste na coibição psíquica que exerce sobre as massas, e esta só se torna possível através de dois fenômenos combinados: o terror e a propaganda. Acerca disso, explica Friedrich e Brzezinski:

> [...] o terror reforça o monopólio das comunicações de massa [...]. Inversamente, o terror adquire sua qualidade onipresente por ser difundido através de uma contínua repetição de temas da propaganda oficial. Essa ligação entre propaganda e o terror distingue-os de todos os fenômenos semelhantes nos sistemas de governos não-totalitários. (FRIEDRICH; BRZEZINSKI, op. cit., p. 101.)

O pânico totalitário atuava, principalmente, entre os cidadãos desamparados, combinando uma verdadeira dominação total sob o indivíduo e cessando com a autonomia de qualquer atividade social[12]. Nas ações governamentais, não era possível deslumbrar um objetivo político específico que não fosse o domínio total. Justamente por isso, o foco do governo nunca eram as questões políticas, mas sim as ideológicas.

Desta maneira expõe Hannah Arendt:

> Por mais radical que seja, todo objetivo político que não inclua o domínio mundial, todo programa político definido que trate de assuntos

[12] FRIEDRICH; BRZEZINSKI, 1965, p. 372.

> específicos em vez de referir-s a “questões ideológicas que serão importantes durante séculos” é um entrave para o totalitarismo. (ARENDT, Hannah, 1989, p. 373).

O horror tinha o papel de preencher as falhas deixadas pela ausência de elo entre a realidade externa e o sistema totalitário, sendo necessário para criar fatos e estados psicológicos que isolassem os cidadãos dos acontecimentos externos. Esse isolamento, por sua vez, permitiu a construção da lealdade ao regime – fundamental no totalitarismo – tendo em vista que os indivíduos somente encontravam sentido na vida se pertencesse a um movimento.

Em vista disso, pode-se afirmar que a propaganda, isoladamente, foi possível até certo ponto. A partir do momento em que o regime estava consolidado, o horror foi utilizado para articular o processo de doutrinação[13], dando realidade às ideologias do regime e transformando a sociedade em um campo ordenado e uniforme.

1.3 . Meios da tradição antissemita europeia

O antissemitismo não é algo que mostrou-se apenas nos fins da década de 40 na Alemanha. De fato, retrata questões históricas mais antigas. O regime de Hitler soube apenas enfatizar essa propensão europeia ao racismo, utilizando, para isso, os meios de propaganda para disseminar o clima de indiferença com o qual a população alemã reagia às injustiças cometidas contra o povo judeu.

Já na Antiguidade e Idade Média são encontrados relatos que demonstram a existência de certa antipatia ao povo israelita. Na época medieval, o antissemitismo religioso foi semeado sobretudo pela Igreja Católica e seu domínio. Aos díscipulos do catolicismo, a Igreja proibia a prática da usura[14]. Dessa forma, quem realizava os empréstimos de capital a juros eram os judeus. Essa prática associou a comunidade judaica à internacionalização do capital e a responsabilizou por todas as incertezas que o aparecimento deste novo cenário econômico trouxe às sociedades.

Na Idade Moderna, por sua vez, o antissemitismo apresentava-se como uma das tendências culturais e políticas mais comuns aos países europeus. Fundamentou-se, sobretudo, na disseminação de teorias racistas – que circulavam na Europa antes mesmo de 1914. Essas teorias apresentavam um judeu estereotipado, visto como

---

[13] ARENDT, op. cit., p. 390.

[14] Usura, em seu sentido original, são juros excessivos cobrados por um empréstimo, em uma determinada quantia de dinheiro

uma criatura racialmente inferior e representante de tudo o que merecia ser questionado: como as doutrinas capitalistas, liberais, comunistas e socialistas.

A dispersão das tramas racistas eram facilitadas pela publicação de livros como *"Os protocolos dos sábios de Sião*"[15] e *"França Judia*" de Edouard Drumont, ou da repercussão de casos como o "*Caso Dreyfus*"[16]. Na Alemanha particularmente eram propagadas por importantes autores como Richard Wagner e Wilhelm Marr, este último responsável pelo Tratado de Marr – que arrazoava acerca de uma dominação judaica no país.

Do mesmo modo, foi na modernidade que o nacionalismo exagerado criou raízes, principalmente com a formação dos Estados nacionais. Numa época em que nação e Estado eram instituições homogêneas, os judeus eram vistos como forasteiros e apátridas, uma vez que sempre constituíam minoria em todos os países que habitavam. Por esta razão, eram vistos como um Estado dentro do Estado, e não como uma comunidade puramente religiosa.

Destaca-se que foi no século XIX que o termo antissemitismo foi originado, e ganhou uso generalizado em toda a Europa. Refere-se, sobretudo, a representação dos judeus como um povo estranho, hostil e indesejável.

1.4 . A Segunda Guerra Mundial

A partir da ascensão ao poder, o Partido Nazista tinha como objetivo alcançar importantes resultados na política externa – como a criação de um enorme *Reich* que íncluisse todos os povos de etnia alemã. Para atingi-lo, no entanto, era necessário o rearmamento do povo alemão, o que implicaria um atentado direto aos termos do Tratado de Versalhes.

Devido à política de pacificação, praticada por britânicos e franceses na década de 30, Hitler não encontrou maiores obstáculos às suas cobiças. Num primeiro

[15] Escrito originalmente por Sérgio Nilus, mas modificado pelo Czar Nicolau II. Trata-se de uma das maiores falsificações do século XX, com o objetivo de mostrar que os judeus visavam a dominação mundial e atribuir-lhes a condição de culpados. Foram amplamente divulgados para toda a Europa após a Primeira Guerra Mundial. Em 1921, entretanto, após o fim das investigações, foi desmascarado toda a verdade. Contudo, o livro já havia sido amplamente divulgado por toda a Europa, tendo maior notoriedade na Alemanha e Inglaterra.

[16] Trata-se de um capitão judeu do exército francês que foi acusado erroneamente de ter entregado à Alemanha informações privilegiadas. Alguns não hesitaram em acusar-lhe pelo simples fato de ser judeu.

momento, não necessariamente suas declarações em relação à política de armamento foram percebidas com desconfiança pelos demais países europeus.

Todavia, esse cenário de confiabilidade foi mudado quando em 14 de outubro de 1933, a Alemanha anunciou sua retirada da Liga das Nações.

Naquele período, Hitler justificou tal conduta reafirmando que embora a Alemanha estivesse comprometida com o desarmamento total, as outras nações europeias não fizeram o mesmo. Num jogo político, conseguiu atribuir "a culpa pelo colapso das conversações de desarmamento à resistência em conceder plena igualdade à Alemanha"[17].

Prática constante, aproveitando-se do apoio popular no campo interno, em 1936 Hitler decidiu remilitarizar a Renânia – região situada a oeste da Alemanha, que por sua posição estratégica perto da França foi obrigada a permanecer desmilitarizada após a Grande Guerra. Nesse mesmo ano, com o objetivo de formar alianças políticas, envolveu-se na Guerra Civil Espanhola, este episódio marcou a aproximação do país com a Itália fascista, tal qual ansiava o *Führe*r. De fato, pode-se dizer que "o surgimento do chamado Eixo Berlim-Roma foi consequência direta da colaboração militar entre Itália e Alemanha na Guerra Civil Espanhola"[18].

Não impedida essas vitórias na política externa, para a construção da Grande Alemanha era necessária a busca pelo *Lebensraum* (espaço vital) à leste. Assim, seus planos para a formação de um grande *Reich* alemão começaram com a invasão da Áustria – na famosa *Anschluss* (união) –, sendo plenamente comemorada pela sociedade germânica. Logo após a *Anschluss* um excesso de nacionalismo, incentivada pelos nazistas, varreu a minoria alemã presente na região dos Sudetos na Tchecoslováquia, e com vistas a política de pacificação, durante a Conferência de Munique em 1939, os países Aliados obrigaram o governo tcheco a aceitar a anexação dos Sudetos pela Alemanha.

Após anexar a Áustria e os Sudetos, o objetivo alemão era a invasão da Polônia. Contudo, dessa vez, os britânicos e franceses não estavam dispostos a ceder às exigências de Hitler. O medo da hegemonia alemã fez com que no dia 31 de março

[17] STACKELBERG, Roderick. A Alemanha de Hitler: origens, interpretações e legados. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Imago, 2002, p. 225.
[18] YOSHIDA, Ernesto; EGGERS, Moraes. Coleção 70º aniversário da 2ª Guerra Mundial: Hitler desafia a ordem mundial. v. 1. São Paulo: Abril, 2009, p. 76

de 1939, Reino Unido e França, apoiados pelos Estados Unidos, oferecessem garantia de apoio militar incondicional a Polônia. Os alemães, por sua vez, reagiram formando o Pacto de Aço – aliança militar com a Itália.

Em 1º de setembro de 1939, as tropas nazistas invadiram a Polônia, logo após, Reino Unido e França declararam guerra aos alemães – a Segunda Guerra Mundial havia começado.

Devido a uma oposição despreparada e pouco organizada para a guerra "de 1939 a 1941 o exército alemão parecia invencível"[19]. Os nazistas se beneficiaram da nova doutrina militar alemã da *Blitzkrieg*[20] (guerra relâmpago). Com as vitórias pelo continente, Hitler foi ovacionado na Alemanha como o maior *Feldherr* (comandante) de todos os tempos. O contentamento dos líderes nazistas transmitia a ideia de que a simples força de vontade alemã era capaz de assegurar o sucesso do país na guerra.

> A Europa ficou paralisada por essa assombrosa sucessão de acontecimentos, e todos esperavam para ver o que os alemães fariam em seguida. O desafio político que o Reich tinha à frente agora ia muito além da consolidação do Lebensraum no Leste Europeu. [...] a Alemanha tinha que passar da construção de uma Volksgemeinschaft (comunidade do povo) dentro de suas fronteiras para a construção de uma Völkergemeinschaft (comunidade dos povos) por todo o continente. Praticamente sem nenhuma preparação prévia, o Terceiro Reich teria de forjar uma estratégia política para defender o que conquistara no Oeste e formular uma futura Nova Ordem para o conjunto da Europa.(MAZOWER, Mark, 2013, p. 147).

Apesar das consecutivas vitórias, as tropas nazistas encontraram dificuldades em derrotar de vez os ingleses. Com isso, o *Führer* decidiu arruinar o único aliado continental em potencial inglês: a União Soviética. Para os nazistas, o Pacto de Não Agressão – firmado em 1939 – não representava empecilho à invasão da URSS, uma vez que em nenhum momento o acordo diminuiu a oposição primordial do partido ao comunismo. Na prática, era improvável que Hitler tenha pensado no pacto como qualquer outra coisa além de uma manobra temporária.

> E qual poderia ser um objetivo mais apropriado para satisfazer a necessidade de Lebensraum da raça alemã superior do que as vastas estepes abertas, povoadas pelos "subumanos" eslavos, que concediam sua lealdade a uma ideologia que ameaçava destruir toda

[19] STACKELBERG, 2002, p. 253.
[20] Tática que consistia no uso de tanques, principalmente, em ataques rápidos e de surpresa, de modo a impossibilitar a defesa do inimigo.

> a criatividade e iniciativa humanas? O antissemitismo era estreitamente vinculado ao anticomunismo. Segundo o dogma nazista, o comunismo era um sistema internacional inventado pelos judeus para destruir as elites de liderança nacional e controlar e manipular as massas trabalhadoras de todas as nações. Os nazistas, assim como os conservadores tradicionais, consideravam o bolchevismo judeu como a maior ameaça à cultura e civilização europeias.(STACKELBERG, Roderick, 2002, p. 264)

Sem uma declaração formal de guerra, Hitler deu autorização para que as tropas alemãs iniciassem a Operação Barbarossa. Até o final de 1941, a Alemanha saiu vitoriosa e a derrota soviética parecia iminente. As cidades de Moscou e Leningrado foram arrasadas. “Ao contrário da guerra no ocidente, aquela seria uma guerra racial e ideológica, com a mais brutal selvageria”[21]. Mais de três milhões de soviéticos foram feitos prisioneiros, e as áreas conquistadas foram completamente exploradas pelos soldados, de modo a não deixar recursos restante para a população civil.

No entanto, os alemães encontrariam dificuldades para enfrentar o rigoroso inverno, que favorecia visivelmente a defesa russa. Entre o final de 1942 e meados de fevereiro de 1943, foi travada a Batalha de Stalingrado – considerada uma das maiores e mais violentas da guerra –, na qual a contraofensiva dos Aliados destruiu o VI Exército Alemão, marcando o fim da expansão nazista na URSS.

A começar daí a demasia de sorte alemã começaria a mudar. Na África do Norte, britânicos tomaram posse das regiões conquistadas pela Alemanha, fazendo o *Afrika Korps* [22]bater em retirada. Do mesmo modo, forças britânicas e norte-americanas conquistaram a França de Vichy, que passou a lutar ao lado dos Aliados. Derrotas navais na guerra do Atlântico se intensificaram em 1943, mesmo ano que foi travada a guerra aérea contra a cidade alemã de Hamburgo – que deixou mais de quarenta e dois mil civis mortos.

Com as derrotas da Blitzkrieg, a partir de 1943 a economia alemã foi totalmente voltada para a produção militar. Foram recrutados mais de 7,8 milhões de trabalhadores para trabalhar nas industrias e agricultura alemã. Em sua maioria, eram

[21] STACKELBERG, 2002, p. 269.
[22] O Afrika Korps ou Corporação Africana da Alemanha foi a força expedicionária da Alemanha durante a Campanha do Norte da África na Segunda Guerra Mundial

prisioneiros de guerra, embora a SS[23] – comandada por Heinrich Himmler – também tenha desempenhado importante papel no recrutamento de trabalhadores nos campos de concentração – apesar da ideologia nazista ter feito com que o governo privilegiasse a aniquilação dos judeus durante a guerra[24].

O golpe final para os nazistas veio no dia 6 de junho de 1944. Na maior operação anfíbia da história – Operação Overlord – mais de 150 mil soldados Aliados desembarcaram na Normandia francesa, num episódio que ficou conhecido como Dia D. Em outubro, as tropas inimigas alcançaram as fronteiras do *Reich* alemão, sendo que Aachen tornou-se a primeira cidade alemã capturada pelas tropas Aliadas.

Em um último sopro, na Batalha de Bulge, os alemães conseguiram retardar a ofensiva aos seus territórios até o começo de 1945. Diante da evidente derrota, no dia 30 de abril daquele ano, Hitler suicidou-se em seu bunker fortificado sob o prédio da chancelaria em Berlim.

Calhou ao almirante Karl Dönitz, sucessor designado de Hitler, organizar a rendição incondicional da Alemanha no dia 8 de maio de 1945. A Segunda Guerra Mundial chegara ao fim. Nesse conflito mais de três milhões de soldados alemães perderam suas vidas, e mais de um milhão não voltaram dos cativeiros da União Soviética.

A derrota alemã é um exemplo de como um país pode ser levado à ruína por meio de uma ideologia abominável, mas bem inserida nas mentes da população. Hitler foi obrigado a renunciar seus objetivos iniciais quanto ao Lebensraum (espaço vital). Contudo, um objetivo permaneceu vigorante mesmo diante das sucessivas derrotas alemãs durante a guerra: o extermínio do povo judeu.

1.5 . O conluio judeu internacional e a solução final

Para se compreender o Holocausto é essencial considerar que o genocídio judeu teve suas origens em um processo legal. Para cada ação discriminatória, havia

[23] Como eram conhecidas as tropas Schutzstaffel, constituídas por homens arianos, que tinham como lema “a minha honra é a lealdade”. Foram criadas com a ascensão do partido nacional-socialista ao poder para a proteção pessoal de Hitler.
[24] STACKELBERG, 2002, p. 283.

uma alteração na legislação que o autorizava. A lei, consequentemente, sustentava as ideologias do regime.

Desse modo, aos poucos, os planos para o extermínio foram sendo colocados em prática de um modo institucionalizado como verídico e lícito pela política de Estado. Todo o aumento da perseguição aos judeus tinha como argumento um ato prévio de agressão por parte do judaísmo internacional.

O partido nazista sempre denominaram os judeus como inimigos, termos pejorativos eram utilizados frequentemente. Hitler tratava o povo judaico como sujeito político hostil à Alemanha.

Apesar do discurso descontrolado antissemita ser contínuo no nazismo, a partir da deflagração da guerra houve uma radicalização do estilo usado pelo governo. Assim, as propagandas tornaram-se mais sucessivas, dissipando a ideia que a paz mundial estava sendo ameaçada pelo povo judeu.

Efetivamente, elas transferiam aos judeus a responsabilidade por todos os problemas causados pelas deliberacões nazistas na política externa. Deste modo, culpados por tudo que acontecia à Alemanha eram os judeus, em uma completa mudança da coerência de quem eram os acusadores e acusados.

A Segunda Guerra Mundial foi mostrada ao povo alemão como uma luta entre potências manipuladas pelo judaísmo internacional. Até onde a população tinha conhecimento, os judeus eram a força motora por trás do desarranjo europeu.

Nesse contexto, os opositores do regime eram judeus ou estavam sob seu domínio. É nesse seguimento que disserta Herf:

> Na mente e nas declarações públicas dos líderes nazistas, a Alemanha e seus aliados lutavam numa única guerra defensiva contra uma gigantesca conspiração internacional de desiguais, conduzida por figuras judias trabalhando nos bastidores, enquanto seus cúmplices não judeus, sobretudo os Aliados, eram a fachada pública do inimigo. A narrativa nazista atribuía enorme autonomia e poder para os judeus, enquanto negava esses atributos aos líderes das nações mais poderosas do mundo, Franklin Roosevelt, Winston Churchill e Joseph Stalin, os quais identificava como cúmplices, fantoches lacaios e servos dos judeus.(HERF, Jefrey,2014, p. 50)

As conquistas na política externa durante a guerra abriram passagem para uma intensificação da perseguição aos judeus na esfera interna alemã. O acordo antissemita propagado desde a década de 30 pelo governo criou um receptáculo de

ódio, desprezo e, principalmente, indiferença frente ao que ocorria aos judeus, tal fato possibilitou ao *III Reich* avançar em sentido aos planos da Solução Final.

No início de 1939, em declarações ao *Reichstag* (Parlamento), Hitler deixou nítido seu objetivo de exterminar os judeus da face da terra, anunciando a ameaça como uma verdadeira profecia. A partir daí seu discurso de ódio seria repetido em inúmeras oportunidades.

O método de extermínio teve início com o isolamento da parte indesejada da população nos guetos. Essa tática mostrou-se vantajosa, uma vez que possibilitava o controle e vigilância da comunidade isolada pelas tropas SA[25]. Além disso, cada gueto era administrado diretamente por um Conselho Judeu.

Esses Conselhos eram constituídos, na maior parte das vezes, pelas elites judaicas – que já desempenhavam certa influência na comunidade antes mesmo da ascensão do regime nazista, justamente por isso, o governo os elegia como membros aspirando obter uma maior passividade e cooperação no cumprimento de ordens entre apopulação judia.

Ainda que dispusessem de certa liberdade na administração dos assuntos habituais, os Conselhos sujeitavam-se ao governo, devendo cumprir as ordens que lhes eram designadas.

> A liderança judia exercia um poder ilimitado sobre a população cativa, mas estava à mercê de uma organização criminosa livre de controle exercida pelos órgãos constitucionais do Estado. [...] de forma bem atípica para um genocídio, a submissão total de uma população à vontade desenfreada dos seus captores foi alcançada não pela destruição, mas pelo esforço da estrutura comunitária e o papel integrador desempenhado pelas elites nativas.(BAUMAN, Zygmunt, 1998, p. 147)

A colaboração da comunidade judaica era essencial para a concretização do processo de extermínio. Assim sendo, tudo o que visasse a melhoria do gueto, estava, em última análise, ajudando os alemães a alcançarem suas metas. Os judeus eram mantidos em condições insalubres, na realidade, os guetos foram pensados justamente para debilitar físicamente e psicologicamente os seus habitantes. A fome e as doenças progediam livremente.

Visto que isolados do resto da população, o que acontecia aos judeus era assunto do estado e importava apenas ao governo. Deste jeito, não houveram obstáculos no início da política de “deportação” dos campos de extermínio.

---

[25] As tropas *Sturmabteilung* ou tropas de assalto, era a milícia durante o regime nazista.

O verdadeiro significado das deportações sempre foi encoberto pelos nazistas, que se delimitavam a dar explicações insuficientes. Tudo o que os judeus sabiam, era que estavam sendo “realocados”. O que acontecia depois que entravam nos trens, era incompreensível.

Ainda que com o total controle dos meios de imposição – dado que suas vítimas eram completamente vulneráveis – os nazistas excessivamente usavam da colaboração das vítimas em suas operações. Isso foi seguido em todo o período do sistema de extermínio.

Dessa maneira, quando chegavam aos campos de concentração, as câmaras de gás eram mostradas aos judeus como banheiros. Esgotados de muitas horas de viagem em um trem de carga de gado cheio de pessoas, os judeus eram guiados para a própria morte, sem transtornos.

2. A CONCEPÇÃO DE MEMÓRIAS: A REINTEGRAÇÃO DO PASSADO

2.1. A memória Coletiva

Conforme Pierre Nora, as alterações da sociedade moderna e a intensificação do tempo histórico que elas representam, parece levar, conjuntamente, a um esforço de concordância *com* e *no* passado, de fixar às origens, buscando algumas dicas de identidade incluídas nesse passado coletivo. Os acontecimentos da globalização parecem levar em seu poder uma necessidade de aderência, de sequência, de progresso, de conexão; necessidades estas que a memória completa, em muitas situações.

Nesse seguimento, “as transformações da sociedade de fim de século deixam ao homem sem pontos de referência e sem raízes”[26]. O “novo narciso” retorna ao passado para encontrar nele um apoio, uma similitude e também uma autenticidade, que se encerrou no mundo.

Este dever de enraizamento está associado aos abalos da segunda metade do século XX, os quais sucederam em um erradicação e uma ausência dos referentes coletivos. As massas do presente são lançadas à globalização de um “pensamento singular” e de uma “realidade total”. Assim, as pessoas e os grupos procuram ou criam suas raízes, se lançam em suas lembranças, se afundam no passado, no remanso, no vazio, ou compõem suas tradições. Desta maneira, a memória e as identidades coletivas se tornam o mastro a que se apegam.

> “Se uma comunidade reconhece que viveu acontecimentos traumáticos e os utiliza na constituição de sua identidade, a memória coletiva perdura e a memória individual pode encontrar um lugar, ainda que transformada, dentro da paisagem” (Schwarzstein, 2011, p. 80 e 81)

2.2. Alguns termos sobre a memória

Conforme Edwards, Potter & Middleton, a memória é frequentemente determinada como manutenção, estoque de informações e experiências; “a diferença entre o que entra e sai e do que se aprende ou reaprende” (p. 441).

[26] Coenen-Huther, 1993, citado por Cuesta, 2008, p. 40

Segundo Le Goff, a “memória, tem como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

Para Ruosso, declara que a memória é como uma reestruturação psíquica e intelectual que pressupõe uma interpretação exclusiva do passado, um passado que nunca é do indivíduo sozinho, mas de uma pessoa inserida em um contexto familiar, social, nacional. Nessa lógica toda memória é “coletiva”.

Para Maurice Halbwachs, a memória está relacionada a um entendimento coletivo, sujeita a transformações, não só de uma sociedade a outra, mas também de uma classe social a outra. “Quando o agente e depositário é um grupo, a necessidade de memória vem impulsionada pelo reforço da própria identidade que, apoiada na lembrança, une o grupo e o potencia para pedir justiça ou o capacita para evitar algo ou consegui-lo” .[27]

Nas obras sobre a memória, a lembrança, o esquecimento e o silêncio estarão recordados em alguma das etapas do acontecimento estudado. A memória também é apta para produzir a necessidade de um mito, um personagem ideal, ou de um contra mito, de um personagem recusável. De acordo com Cuesta, a história contemporânea está cheia de mitos e contramitos: o estrangeiro, o emigrante, o diferente, o “outro”.

2.3. Memória e História

No decorrer de muito tempo a história esteve relacionada à memória. A capacidade da definição da memória como um instrumento próprio na área das ciências sociais é concedido ao sociólogo Maurice Halbwachs, que apresentou a memória como o vivido, enquanto a história estaria limitada ao conceitual, apontada pelas repartições de tempo. Ele dizia que “no desenvolvimento contínuo da memória coletiva não existem linhas de separação claramente traçadas como na história”[28].

A memória de um indivíduo se ampara muito mais no passado vivido

[27] Cuesta, 2008, p. 40.
[28] Halbwachs, 1997, p. 134, citado por Cuesta, 2008, p. 35.

do que no compreendido por livros, pela história escrita. Existe uma diferenciação entre a história vivida e a história escrita: a primeira dispõe de todos os fundamentos essenciais para elaborar um cenário vivo sobre o qual se embasa o pensamento para conservar e reencontrar a imagem do passado.

É importante evidenciar que a memória coletiva se diferencia da história pelo motivo de ser uma corrente de pensamento constante e por viver na consciência do grupo que a guarda, não excedendo as fronteiras desse grupo. Além disso, a lembrança é reestruturação do passado está baseada em informações do presente que foram realizados por outras reestruturações feitas em épocas anteriores, de onde a imagem precedente já adveio bastante alterada.

Em muitas questões a memória se distingue da história. A primeira se encontra do lado da diversidade, enquanto a segunda da singularidade. Além de que, a memória tem um olhar “de dentro”, ao mesmo tempo que a história tem um olhar mais afastado do assunto. Para Le Goff a memória é o insumo da história. A memória é exposta por Cuesta como a “história vivida” e a história, por sua vez, como a “história contada”. Hobsbawm também expõe a história e a memória como duas concepções diferentes e distingue a memória escrita da oral, da coletiva e da individual.

Para Armando Valladares, o presente é a área da memória e Le Goff reitera que “a memória não busca salvar o passado além do que para servir o presente e o futuro”. Conforme Paul Ricoeur, a representação do passado se inicia com a memória e não com a história. Ademais, a memória não está presa no passado, mas se dispõe em um ir e vir mais ou menos coerente ao passado, presente e futuro.

Josefina Cuesta alega que “o eixo do tempo, e a relação entre passado e presente, é da mesma essência que às relações entre memória e história, que quando surge um passado intemporal estamos diante da presença do mito”. Neste seguimento, a autora completa que a memória é o “presente do passado”, possuindo como identidade o papel de estruturar e analisar. Além e que, “Se a história generaliza para poder dar conta da complexidade do real, a memória singulariza, já que pertence, antes de tudo, ao indivíduo concreto que

recorda”[29].

Afinal, a história careceria da sua tarefa se, tomada pelas fontes, sejam elas orais, escritas ou de outro meio, cedesse aos barulhos da memória de outros e caísse nas redes da subjetividade, sem um método crítico.

2.4. Memória Coletiva

Conforme diz Cuesta, a história da memória se convergiu, especialmente, na memória dos grupos e seu papel no fortalecimento de uma identidade coletiva.

No que diz respeito sobre memória coletiva, Leroi-Gourhan declara que a história da memória coletiva pode dividir-se em cinco momentos: o da transmissão oral, o da transmissão escrita com tabuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica”. Já Pierre Nora aponta que a memória coletiva seria como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado”.

É relevante salientar que “a memória coletiva passou por grandes transformações com a constituição das ciências sociais e exerce um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas”[30]. Assim, a sociologia teve uma importante função para progredir este conceito e, como dito anteriormente, um autor de destaque nesta temática foi Maurice Halbwachs.

Segundo Robert Frank, a memória coletiva é a situação primária da memória individual e como para Halbwachs a memória é antes de tudo coletiva, são os indivíduos que se lembram, dentro dos marcos da sociedade que estão inseridos.

Sob o entendimento de Maurice Halbwachs, a memória dispõe ao mesmo tempo um caráter individual e um coletivo, sendo, em parte, formada pela família e pelos grupos sociais.

Conforme Halbwachs, são as reproduções, não o acontecimento em si, que entram na memória de um povo e cada grupo tem a sua memória e uma representação própria do evento e do tempo. Não importa se os fatos

[29] J. Maurice, 2002, p. 13, idem, p. 32.
[30] Le Goff, 1992, p. 472.

aconteceram no mesmo ano, se esta sincronia não foi observada pelos contemporâneos. Para analiar à memória do grupo, não necessariamente um ou mais de seus membros precisa estar presente. Além disso, é possível sofrer a influência de uma sociedade mesmo que se tenha afastado dela.

O autor incli que “à medida que cedemos sem resistência a uma sugestão externa, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que em geral a maioria das influências sociais a que obedecemos permanece desapercebida por nós”[31].

Frequentemente o índividuo atribui a si mesma ideias, reflexões, sentimentos e emoções que lhe foram conduzidas pelo grupo ao qual pertence, sem perceber que é apenas um “eco”.

> É claro, a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. Nada escapa à trama sincrônica da existência social *atual*, é da combinação desses diversos elementos que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem [itálico do autor] (Halbwachs, 2006, p.12).

As lembranças do ser permanecem coletivas e são lembradas por outros, ainda que somente a pessoa tenha participado do evento, pois mesmo que esteja sozinha, os outros fazem parte de suas compreensões e lembranças, e, estão presentes em suas representações: “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”[32]. Além do mais, por ter participado de um grupo com outras testemunhas no momento lembrado, o índividuo pensa sobre alguns aspectos em comum com o grupo e, ao permanecer em contato com esse grupo, ainda é capaz de se reconhecer com ele e de confundir o seu passado com o dele.

Deste modo, o sujeito participa de dois tipos de memória: a memória individual, em que as lembranças tem lugar no contexto de sua personalidade ou de sua vida pessoal e a memória coletiva, que recorda e mantém

[31] Halbwachs, 2006, p. 65
[32] Halbwachs, 2006, p. 30

lembranças gerais, que interessam ao grupo ao qual faz parte.

De acordo Halbwachs a memória não é só um acontecimento de interiorização individual, mas uma construção social e um fato coletivo. É importante salientar que a memória individual se dispõe e se inclui na memória coletiva. Além disso, o índividuo traz consigo uma bagagem de lembranças históricas que pode aumentar por meio de conversas ou de leituras, mas esta é uma "memória tomada de empréstimo", que não é a dela.

Ademais, este autor diz que por uma parte da personalidade da pessoa ela está envolvida no grupo, de maneira que o que acontece no grupo enquanto ela faz parte ou até mesmo quando não fazia ainda não lhe é completamente estranho.

> Contudo a memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram enquanto integrantes do grupo. Desta massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um deles. De bom grado, diríamos que *cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva*. Que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. (Halbwachs, 2006, p. 69).

2.5. O povo judeu e memória coletiva

Um fato curioso é que o autor do conceito de memória coletiva – Maurice Halbwachs – era judeu e viveu no período da Primeira e Segunda Guerra Mundial. Além do mais, foi preso pela Gestapo e morto em 1945 no campo de concentração de Buchenwald. Isso insinua que suas tradições familiares e culturais possam tê-lo ajudado a entender ou até mesmo criar o conceito de memória coletiva, além das situações externas da sociedade e da época em que este vivia.

A memória, nas culturas antigas, é geralmente relacionada às experiências religiosas e, principalmente as religiões judaico-cristãs, são definidas como "religiões da recordação", visto que além da tradição histórica existente nas escrituras sagradas, há, em alguns tópicos, a necessidade da lembrança como um dever religioso fundamental; lembrar-se da salvação, dos

feitos de Deus para com o povo, as ordens e do próprio Deus.

Na tradição judaica os ritos e os relatos são dois sentidos essenciais que manifestam a memória através dos tempos. As festas possuem um importante papel nos ritos e os relatos pela poesia oral, através das canções.

Essa imposição de firmar os relatos e de dar continuidade à memória levou à consolidação escrita da tradição e gerou uma autêntica literatura histórica. Além do que, o Holocausto colaborou como incentivador da lembrança desde os primeiros momentos e gerou projetos, organizações, comemorações e causadores da lembrança sem comparação com nenhum outro grupo social neste meio século.

A existência dos campos de concentração colocou em destaque como as experiências traumáticas vividas podem prolongar a necessidade da lembrança, em alguns casos, e do silêncio, entre outros. Alguns sobreviventes sentem necessidade de contar imediatamente sobre o acontecido, como se tivessem um “dever de memória”, enquanto outros carecem esquecer por um tempo e resgatar a lembrança no futuro.

Além de que, com as muitas tradições relacionadas, pela mistura de povos e crenças que ocorre nas imigrações, aparece uma diversidade e variedade de memórias, tanto nos indivíduos, como nas sociedades. A Segunda Guerra Mundial é um exemplo de variedade e diversidade de memórias.

2.6. Os museus como lugares de memórias

Acredita-se que o museu, nesta primeira década do século XXI, não é apenas um espaço para lembrar e contar histórias, mas um espaço em que se constroem memórias. O museu pode ser a lembrança de pessoas deixada pelo objeto, ou lembranças que estimulam a procuraaa de outras histórias: história de pessoas, história de lugares. Museu como “lugares de memória”.

Pierre Nora diz que estamos passando por um aceleramento da história, do tempo e dos processos sociais – que seria uma mudança cada vez mais rápida de um passado morto, algo desaparecido. Isso propicia falar em memória diretamente porque ela não existe mais. Há, nesse método, uma curiosidade pelos lugares de memória, uma conexão em que a consciência da

divisão com o passado se confunde com a memória destruída. Para o autor, há lugares de memória porque não há meios de memória, essa se torna um sentimento excedente aos locais; ou seja, sobras, restos de um passado já morto.

> Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. É a desritualização de nosso mundo que faz aparecer a noção. O que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação. (...) os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (NORA, 1993, p.12 - 13).

Os lugares de memória se formam pela experiência, pelas sobras, resquícios daqueles que vivem o lugar e pelo receio em conservar uma memória que é viva, mas acredita-se no seu desaparecimento, daí a necessidade de um espaço que ressuscite essa memória.

Para Nora, se a memória estivesse em um eterno processo de recordação, não haveria necessidade de lugares. Contudo, se a história sente a necessidade de forma-los é justamente porque ela corre o risco de se dizimar, ou seja, há o sentimento entre as minorias de que se não houver comemorações, a história os destruiria. Tem que se habitar a memória para que não seja necessário lhe dedicar lugares. Mas se o que protegem não estivesse ameaçado, se estivessem realmente na lembrança viva[33], os lugares seriam inúteis.

Assim, Nora entende que, se não houvesse a história, mesmo que fossem corrompe-los ou a transformá-los, eles não se transformariam em lugares de memória. É exatamente este movimento que compõe os “momentos da história arrancados do movimento da história” não mais inteiramente à vida, não mais inteiramente à morte, mas num incansável movimento de sentidos, de símbolos.

A memória verdadeira, acolhida no gesto e no hábito, nas atividades

[33] Para Freud a memória está guardada e faz com que se entre muitas vezes no passado, quando isso ocorrer esse passado será sempre rememorada no presente.

que mostram os saberes do silêncio, nos saberes do corpo, é para Nora uma memória é transformada por sua passagem em história. Uma memória psicológica, individual e subjetiva ao invés de social, coletiva, integral.Ou seja, uma memória que se cria de restos, mesmo diante de seu aspecto generalizante ela não perde sua singularidade que a faz exclusiva. Para este autor, é uma memória que a faz diferente da memória de registro, ou seja, na memória traçada na guarda excessiva de arquivos. Ela se justifica no traço, no material, no vestígio. A memória precisa ser vivida a partir de seu interior para que não sejam necessários esses suportes exteriores, ou seja, essa guarda interminável de arquivos.

3. O MUSEU DO HOLOCAUSTO DE CURITIBA

3.1. Desenvolvimento do projeto

O Museu do Holocausto de Curitiba é uma decisão da Associação Casa de Cultura Beit Yaacov – pessoa jurídica de direito privado, administrada pelo empresário Miguel Krigsner[34] – e do corpo social israelita de Curitiba - Paraná. O imóvel, localizado na Rua Coronel Agostinho Macedo, 248, no bairro do Bom Retiro, em Curitiba, faz parte de um conjnto arquitetônico que abarca as sedes do CIP, da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann e da nova Sinagoga Beit Yaacov.

Miguel Krigsner foi o grande realizador do projeto. O conceito de criação de um local voltado para o reconhecimento da memória do povo judeu surgiu há mais de uma década, durante algumas visitas a memoriais e museus do Holocausto. Foi nesta época que Miguel Krigsner começou a coleção do futuro museu, ao obter uma tiragem do conjunto de relevos de autoria do artista Andrew Rogers, que representa a perseguição dos judeus.

A parte inaugural de organização do projeto obteve a participação do Professor Sérgio Alberto Feldman[35], que além de elaborar uma pesquisa iconográfica em Jerusalém, sob direção de Avraham Milgram, historiador do Yad Vashem, conseguiu estabelecer uma coleção de 14 vídeos com depoimentos de sobreviventes do *Shoah* residentes em Curitiba, entrevistados pela equipe técnica da USC Shoah Foundation, de Steven Spielberg, que havia estado na cidade em 1997. Ao conjunto de enfâses e depoimentos acrecentou-se um acervo inicial de objetos históricos, documentos e fotografias juntados com a ajuda da comunidade judaica local e a partir de aquisições, doações e/ou empréstimos com outras instituições e museus internacionais devotados ao assunto.

Em 2010 que Miguel Krigsner entrou em conversação com a empresa

[34] Miguel Krigsner é formado em Farmácia e Bioquímica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Em 1977, abriu uma farmácia de manipulação no centro de Curitiba, negócio que daria origem à fundação da rede O Boticário, empresa líder no setor de perfumaria no Brasil. Miguel ainda é presidente do Conselho de Administração do Grupo Boticário e do Conselho Curador da Fundação Grupo Boticário de Proteção à Natureza.

[35] Graduado em História Geral pela Universidade de Tel Aviv (1975), tem o mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo/USP (1986) e o doutorado em História pela UFPR (2004). Atualmente é professor da Universidade Federal do Espírito Santo/UFES.

Base7 Projetos Culturais, procurando a formação de uma colaboração profissional voltada a criação, a elaboração e à implantação dos projetos de curadoria, museografia e expografia da exposição de longa duração do Museu[36]. Após um ano de atividades intensivas, o Museu do Holocausto foi inaugurado em novembro de 2011.

3.2. A exposição de longa duração

O projeto museográfico da exposição idealizado pela Base7 Projetos Culturais e estabelecido num recinto de 250 m² usa-se de ângulos agudos e desfeitos, que representam o trajeto cruciante vivido pelas vítimas do Holocausto. A expografia expõe o tema principal do Holocausto por intermédio de uma narrativa cronológica, a partir de um trajeto expositivo composto por três espaços de inserção ao tema ('Área externa', 'A Vida Plena Judaica' e 'Ruptura') e sete conjuntos temáticos.

Acrescentando o plano de arquitetura da expografia, foram criados de forma adaptada os planos de comunicação visual, iluminação e os meios audiovisuais (sonorização, vídeos, projeções e multimídias). O plano incluiu ainda os conceitos de conservação preventiva de acervos aplicados à salvaguarda das coleções, principalmente em relação à climatização, iluminação e o de mobiliário expográfico para acondicionamento de acervo histórico, que também mostra um design com ângulos agudos e desfeitos.

O trajeto é alternado por um vasto conjunto de artíficios expográficos: instalações cenográficas, painéis de textos e imagens, reprodução de cartografias, trilha sonora, filmes, slide-shows, áudios, aplicativos multimídia, objetos e documentos originais, réplicas e reproduções, procurando-se a fabricação de um panorama expressivo que proporcionasse períodos de ponderação e de sensibilização do visitante.

Os modos ‘tradicionais’ consiste na exposição de objetos e documentos históricos contextualizados por meio de referências em

[36] Esse seria o segundo projeto de espaço museológico a ser realizado por Miguel Krigsner em parceria com a empresa Base7 que, no passado, foi responsável pela revitalização e instalação da exposição de longa duração do Espaço Perfume Arte + História em São Paulo. Mais detalhes sobre o referido espaço em http://www.espacoperfume.com.br/.

panoramas de textos iconográficos. Estão em destaque, expostos em vitrines com desenho padronizado e protegidos por arcadas de acrílico representado como relíquias.

Os mecanismos tecnológicos estão em produtos audiovisuais e multimídias, que adicionam e adentram informações sobre o momento histórico na conjuntura que estão inseridos. A maior parte dos objetos audiovisuais produzidos tem o formato de minidocumentários, estão em monitores ou são reproduzidos conforme a importância no meio temático. As multimídias são disponíveis a partir de terminais de atendimento feitos em particular para o Museu. A área de interação ocorre a partir de um monitor *touch screen*, no qual o visitante escolhe os parâmetros de navegação e/ou o tema a ser pesquisado.

Os textos iniciais de cada módulo apresentam momentaneamente os fatos históricos do período tratado e, ao mesmo, caractrizam informações que orientam o visitante no trajeto. Para despertar a atenção do visitante, o vocabulário desses textos, editados e revisados com bae na pesquisa histórica feita pela consultora Denise Hasbani, procurou ser clara e objetiva. Os painéis iconográficos exibem uma imagem principal de destaque, ampliada em grande formato, com imagens em segundo plano de menor formato, ocasionando impacto visual. Em acréscimo aos textos introdutórios, as legendas comentadas apresentam os assuntos específicos da história, acrescentando informações sobre determinadas coleções de iconografia e objetos em exposição. As legendas técnicas de objetos e imagens exibem as seguintes informações: autor, título/denominação, data da produção, técnica /material e crédito do acervo.

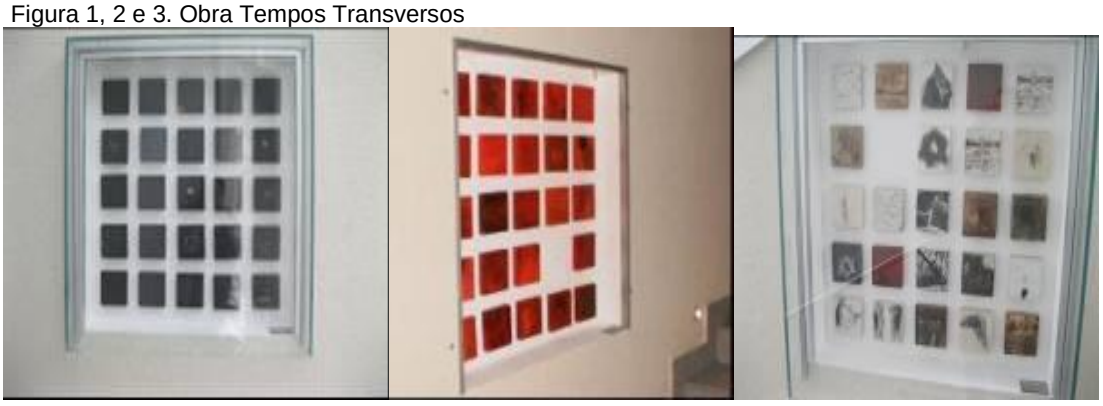
3.3. Percurso expositivo

De acordo com que foi mencionado previamente, o Museu do Holocausto de Curitiba faz parte um conjunto arquitetônico que contempla as sedes da CIP, da Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann e da nova Sinagoga Beit Yaacov. O Museu está inserido no subsolo do imóvel da Sinagoga Beit Yaacov, o que impossibilita seu reconhecimento instantâneo a partir da rua. Independentemente da ausência de sinalização externa de reconhecimento do Museu e do convívio institucional, o público pode

naturalmente conseguir informações com precedência sobre a instituição e sobre processos de visita, por meio de seu site[37].

Na 'Área externa', inicialmente a interação do visitante com o Museu é através da obra Tempos Transversos (2001), de autoria da artista plástica Guita Soifer, constituída por pequenas pinturas divididas em três divisórias ao longo da escada de que dá acesso ao Museu.

Figura 1, 2 e 3. Obra Tempos Transversos



. Fonte: Base7 Projetos Culturais

A obra mencionada, peça de doação da própria artista de origem judaica ao acervo permanente do Museu, traz observações sobre “[...] o tempo da vida que também é o tempo da morte; o tempo que subjuga indistintamente todos os seres e coisas, mas que também se encarna no modo como os seres e coisas se subjugam mutuamente...” (Farias, 2001)

Ao fim da escada, o visitante adentra a um minúscula área externa, onde poderá contemplar realces do artista Andrew Rogers[38], uma frase de Anne Frank, a poesia Resistir, de Haim Gouri[39], e um painel com o logotipo do Museu.

[37] Mais detalhes em www.museudoholocausto.org.br/.

[38] Andrew Rogers é um artista reconhecido internacionalmente. Suas esculturas e fotografias integram acervos públicos e privados na Austrália, Sudeste Asiático, Oriente Médio, Europa e Estados Unidos. Andrew é o idealizador de Rhythms of Life, considerado o maior projeto de arte contemporânea do mundo, composto por uma cadeia de 51 esculturas de pedra espalhadas ao redor do globo e envolvendo mais de 7.500 pessoas em 16 países em seis continentes.

[39] Haim Gouri nasceu em Israel. É poeta, jornalista, novelista e documentarista. Em 1947, foi enviado à Hungria para ajudar sobreviventes do Holocausto a migrarem para a Palestina. Ficou famoso ao fazer a cobertura do julgamento de Adolf Eichmann, em 1961.

Figuras 4 e 5. Vistas do pátio externo do Museu: logomarca do Museu aplicada sobre vidro, frase de Anne Frank aplicada em parede de madeira e conjunto de relevos da obra de Andrew Rogers

. Fonte: Base7 Projetos Culturais.

A obra *Pillars of witness*, criação de Andrew Rogers, formada por 21 relevos em bronze, retrata todo o desenvolvimento da perseguição aos judeus. O acervo foi obtido junto ao *Jewish Holocaust Museum & Research Centre*, de Elsternwick, Melbourne, Austrália, onde está localizada a coleção original completa. Para conseguir a adquirição, foi necessária uma aprovação da instituição para a criação de uma nova tiragem, reaproveitando os moldes já existentes.

Na parede lateral da instalação dos relevos de Rogers, localiza-se a frase “Apesar de tudo, ainda acredito na bondade humana”, removida do diário de Anne Frank e que se transformou em um dos símbolos da luta contra o Holocausto. Na parede contrária à instalação dos relevos, o poema de Haim Gouri procura fazer uma consonância à instalação mencionada.

Após percorrer as instalações artísticas, a frase de Anne Frank e o poema, o visitante poderá prosseguir para a área interna do Museu, onde se deparam com os próximos locais que dão introdução à temática do Holocausto. Na entrada de acesso, está inserido um cenário com a logotipo do Museu do Holocausto de Curitiba e, já no ambiente interno, um texto de apresentação do Museu.

Figura 6 e 7. Painel com logomarca do Museu e texto de abertura.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

O ambiente 'A Vida Plena Judaica' é preenchido por uma eibição de imagens da vida judaica antes da II Guerra Mundial, expondo cenas de judeus em família, com crianças, em viagens, na escola, etc. As imagens também mostram judeus nas cidades de Berlim e Varsóvia, em contraponto aos shtetls do Leste Europeu. A ideia foi comparar dois mundos: um mais ocidentalizado, em capitais globais, e outro mais simples, religioso, residido por uma população agricultora. Com tal característica, deseja-se a aproximação do visitante com a ‘visível’ normalidade da vida do povo judeu.

Figuras 8 e 9. Projeção A Vida Plena Judaica e painel com cronologia; e painel com ficha técnica com visão daporta de entrada ao fundo.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

O terceiro e último espaço introdutivo, 'Ruptura', consiste numa instalação cenográfica de estação de trem com malas. Uma parede da cenografia tem como tela de fundo uma imagem de malas amontoadas. Na frente dessa imagem, estão dispostas malas, valises e trouxas envelhecida. A parede contrária apresenta três vídeos em monitores. Cada vídeo caracteriza um momento significativo de ruptura/deslocamento para o povo judeu: a saída de casa para o gueto, do gueto para os campos de concentração , e dos campos para a libertação. Nesse local há o início de um trajeto sonoro, por meio de uma ambientação sonora com sons de trem, sons graves, ruídos de cães e passos de soldados, reproduzidos de maneira melancólica. Essa instalação faz alusão aos varios momentos árduos de ruptura e de partida que os judeus padeceram ao longo da perseguição nazista durante a II Guerra Mundial na Europa. Sua ideia é ‘levar’ o visitante para uma estação de trem, como se ele estivesse presenciando a vida dos judeus que fora perseguidos.

Figura 10. 'Ruptura': instalação cenográfica de estação de trem com malas.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

Depois de caminhar os três espaços introdutórios ('Área externa', 'A Vida Plena Judaica' e 'Ruptura'), começa-se o trajeto expositivo por sete núcleos temáticos ordenados segundo uma narrativa cronológica de fatos históricos e divididos e distribuídos através de ângulos agudos e irregulares, retratando o trajeto torturante trilhado pelas vítimas do Holocausto. Cada núcleo expões um texto de introdução contextuando o assunto a ser discutido. Ao longo de todo o trajeto percebe-se uma pluralidade de recursos expográficos: exposição de objetos originais, réplicas e fac-símiles de objetos e documentos, painéis com textos, painéis com imagens, painéis mistos (infográficos), trilha sonora ambiente, vídeos em monitores e projeções.

O primeiro núcleo , A Alemanha no Entre-guerras e os Judeus, Perseguição, Marginalização, fala sobre a ascensão do NSDAP na Alemanha e o príncipio da perseguição aos judeus, de 1933 a 1938. Nessa circunstância, expõe uma instalação cenográfica para representar a noite de 10 de maio de 1933, quando sucedeu a queima dos livros proibidos pelos nazistas em Berlim. A cenografia é formada por imagens históricas ampliadas, livros originais.

Na continuição, painéis com grandes ampliações de imagens históricas contextuam a sabotagem econômica e a *Kristallnacht*, que expressou o ápice da perseguição aos judeus nessa época. Sucedeu em novembro de 1938, quando sinagogas foram incendiadas, casas e negócios aniquilados, e bens confiscados. Cerca de 30 mil judeus foram mandados a campos de concentração. Os poucos que conseguiram escapar, fugiram. Adjunto ao painel com imagens de uma sinagoga

destruída em Berlim, uma fração da Torah restante dessa noite está exibido em uma vitrine. Painéis que rodam com reproduções de cartazes e caricaturas de judeus de campanhas antissemitas separam esse núcleo do próximo.

Figuras 11 e 12. Fragmento de Torah em primeiro plano, painel com imagem ampliada do boicote econômico e painéis pivotantes com reproduções de cartazes de campanha antissemita ao fundo; e instalação da queima dos livros.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

Figuras 13 e 14. Painel com imagem ampliada do boicote econômico e painéis pivotantes com reproduções de cartazes de campanha antissemita; e painéis pivotantes com reproduções de cartazes de campanha antissemita e painel 'Noite dos Cristais'.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

O segundo núcleo, A Segunda Guerra Mundial: O Início da Perseguição aos Judeus na Polônia e a Criação dos Guetos, trata do período histórico de final de 1938 a 1942.

Figura 15. Entrada do Núcleo A Segunda Guerra Mundial: O Início da Perseguição aos Judeus na Polônia e a Criação dos Guetos

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

Esse núcleo traz referências sobre o início da II Guerra Mundial, como a invasão da Polônia em setembro de 1939; sobre os decretos baixados pelo Governo Alemão, como aquele que obrigava os judeus a usarem uma estrela de David no peito e no braço como forma de distingui-los; e sobre a formação dos guetos. Painéis com grandes ampliações de imagens históricas e documentários em vídeo.

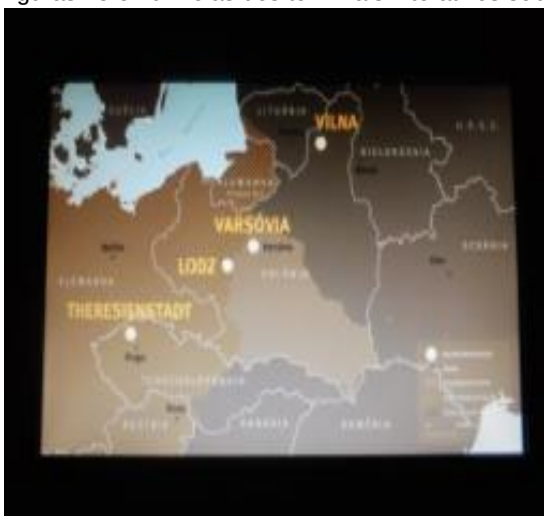
No começo do núcleo o visitante tem interação com o primeiro vídeo, que adentra fatos históricos sobre a invasão da Polônia e o encarceramento dos judeus em guetos. Posteriormente, os painéis apresentam reproduções de cartazes e imagens de comícios do Partido Nazista. Ao lado dos painéis , encontra-se um painel devotado à vida no gueto de Varsóvia, o maior entre todos os guetos.

Continuando o trajeto, o visitante tem acesso ao mapa[40] e a um aplicativo multimídia que traz especializações sobre a história e a vida cotidiana de guetos na Polônia, com destaque para os guetos de *Varsóvia, Lodz, Vilna e Theresienstadt*.

Figuras 16 e 17. Painéis pivotantes e painel com imagem do gueto de Varsóvia; e terminais interativos sobre os guetos.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

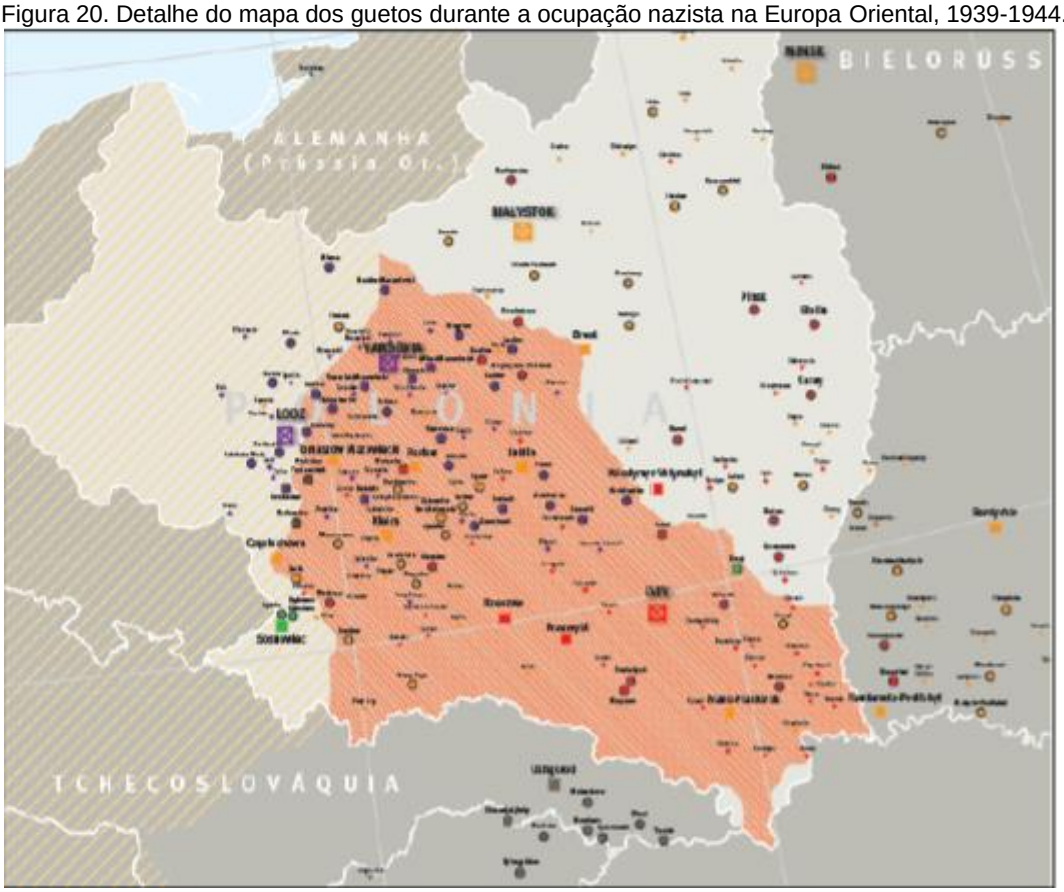
Figuras 18 e 19. Telas dos terminais interativos sobre os guetos



Fonte: Base7 Projetos Culturais

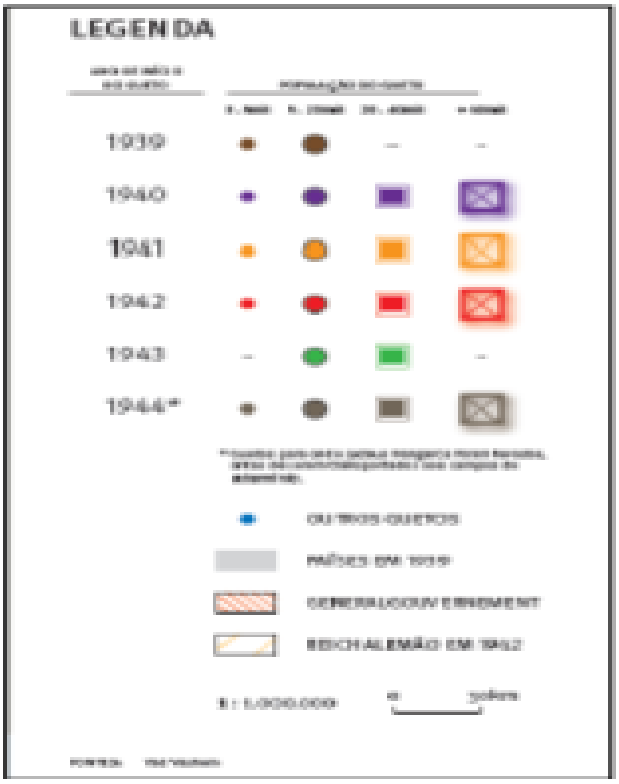
[40] Todos os mapas apresentados na exposição foram desenhados por um profissional especialista em cartografia, a partir de fontes históricas, para que se criasse uma linguagem visual unificada e, ao mesmo tempo, alinhada com o partido gráfico da comunicação visual da exposição.

Figura 20. Detalhe do mapa dos guetos durante a ocupação nazista na Europa Oriental, 1939-1944.



Fonte:Base7 Projetos Culturais

Figura 21. Detalhe da legenda do mapa com indicação do período de formação dos guetos e população.



Fonte: Base7 Projetos Culturais.

Continuando a narrativa cronológica, o terceiro núcleo, O avanço da Ocupação Nazista no Leste Europeu, A Operação Barbarossa e o Início do Assassinato em Massa, disserta sobre fatos históricos ainda mais tocantes: a invasão de Hitler à União Soviética, em junho de 1941 (a chamada 'Operação Barbarossa'), quando o extermínio da população judaica teve início de fato; a ação dos *Einsatzgruppen,* que prendiam judeus em cidades e aldeias para serem assassinados em valas em florestas; e o início da 'Solução Final'.

Esse núcleo inclui imagens fortes como a de soldados alemães olhando para as valas onde os corpos de judeus eram atirados após terem sido executados. Ao lado dessa imagem, uma vitrine apresenta um capacete original usado pelo exército nazista, objeto de doação do Instituto Cultural Soto Delatorre ao Museu.

Figura 22. Painel com imagem ampliada de soldados olhando para as valas onde os corpos de judeus eram jogados após terem sido executados e vitrine com capacete usado por soldado nazista.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

Uma coleção de cinco imagens em back light forma um seguimento de impetuosas cenas de judeus sendo executados. Essa coleção apresenta as imagens mais impactantes em barbaridades mostradas no Museu, nas quais as vítimas estão sendo forçadas a se despirem enquanto esperam seu fuzilamento.

Na parede contrária, há um cenário formado por três imagens que mostram situações de saques e pilhagem de objetos pessoais. Junto a essas imagens, está uma vitrine com a exibição de documentos originais e reproduções: cédulas do gueto de *Theresienstadt* (1940); um cartão postal de uma judia do gueto de Varsóvia (1941); uma reprodução da capa e contracapa da primeira edição do jornal *Kamarad* (1943), feito pelas crianças do gueto de *Theresienstadt*, e uma réplica do jogo *Monopol* (1943). Todos os objetos exibidos dispõe de uma legenda individual. Além dessa legenda, foram feitos arquivos em áudio para descrever o contexto, através de uma pequena história pessoal, tanto para as cédulas do gueto de *Theresienstadt* bem como para a réplica do jogo *Monopol*.

Figuras 23 e 24. Vitrine com documentos em primeiro plano e conjunto de cinco imagens em back light com sequência de cenas de execução de judeus ao fundo; e vitrine com documentos em primeiro plano e painel com imagens de saques e pilhagem de objetos pessoais dos judeus ao fundo.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

No ambiente central desse núcleo, outra vitrine expõe documentos originais – cartão de ração alimentar do campo de *Buchenwald* (Alemanha, 1940), uma estrela de David amarela (déc. 1940), e um passaporte de um judeu com carimbo 'J', que enunciava sua origem judaica – além de reproduções da capa do catálogo da exposição *Entartete Kunst*[41] [Arte Degenerada], 1937.

Em ums das bordas dessa vitrine, um número é projetado para representar o número de identificação que os prisioneiros recebiam, tatuado na parte interna de seu antebraço, ao chegar ao campo de *Auschwitz*. O número projetado – 135633 – é o do prisioneiro Yehiel Feiner, escritor e sobrevivente do Holocausto.

[41] Termo utilizado pelo regime nazista para designar a arte moderna não-germânica ou de origem "judaica-bolchevique". Também foi o título de uma exposição promovida pelos nazistas em Munique, em 1937, na qual as obras de arte modernistas eram intencionalmente instaladas de modo caótico e acompanhadas de legendas que as ridicularizavam.

Figura 25. Vitrines com exposição de documentos originais e reproduções e projeçãodo número do prisioneiro Yehiel Feiner.

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

O quarto ambiente temático, *O Campo de Extermínio e a Indústria da Morte*, apresenta a efetivação da 'Solução Final' pelos nazistas, na qual os prisioneiros eram conduzidos para campos de extermínio em vagões de trem de carga. Para descrever o contexto do tal momento fatídico, painéis exibem uma imagem de uma rua do gueto de Cracóvia (Polônia, 1943) após sua demolição e com os bens dos judeus deportados dispersos por toda parte, além de imagens da deportação de judeus do campo de trânsito de Westerbork (Holanda) aos centros de extermínio na Polônia.

Rente a esse painel, uma instalação cenográfica com sapatos antigos procura representar que todos foram vítimas: crianças, idosos, homens e mulheres. A instalação é constituída por três caixas de madeira. Cada caixa expõe um par de sapatos, sendo que a primeira traz um par de sapatos infantis; a segunda acomoda um par de sapatos feminino e a terceira, um par de sapatos masculino.

No seguimento do trajeto, o visitante encontra uma cartografia original de 1962, que apresenta um mapeamento da localização dos campos de extermínio, campos de concentração e subcampos de concentração, penitenciárias, campos de trabalho de judeus e campos de prisioneiros na Polônia. Mostram números de mortos, de destruição total e parcial de casas. Esse mapa faz parte do Acervo do Museu do Holocausto de Curitiba. Ao lado da cartografia, uma instalação com uma câmera

fotográfica antiga encobre imagens fortes de prisioneiros em campos de concentração.

Figuras 26, 27 e 28. Instalação com pares de sapatos; instalação com câmera fotográfica antiga; e cartografia de 1962 em primeiro plano e instalação de sapatos ao fundo.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

No centro do ambiente, vitrines exibem réplicas da boneca de uma criança que sobreviveu ao gueto de Cracóvia (1930) e de um violino Stradivarius (déc. 1930). As réplicas apresentadas dispõe de uma legenda individual e outra em áudio que apresenta uma narrativa pessoal contextuando o Holocausto.

Figura 29. Vitrines com réplicas de boneca e violino

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

O quinto ambiente temático, *Os Movimentos de Resistência. Os Justos entre as Nações*, procura retirar o mito da imagem dos judeus como vítimas passivas, ao

exibir informações e imagens de resistência nos guetos, bosques, campos de concentração e de extermínio, comprovando a luta dos perseguidos para salvar suas vidas. Algumas imagens estão suspensas em cabos de aço sobre uma estrutura que remete a uma cerca de campo de concentração e que separa esse núcleo do próximo. Porém, o artifício expográfico mais representativo caracteriza-se na presença de fragmentos de depoimentos de judeus sobreviventes que se firmaram em Curitiba.

Figuras 30 e 31. Texto introdutório do núcleo e ampliação de imagem de judeus capturados durante a repressão do levante do gueto de Varsóvia; e projeção de depoimentos de sobreviventes e imagens de partisans na floresta.

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

Esse ambiente ainda salienta a importância dos 'Justos entre as Nações' e as organizações de resistência clandestinas na França e Hungria, bem como a movimentação de um país inteiro, no caso a Dinamarca, para salvar os judeus. Esse conteúdo é mostrado por meio de uma instalação com imagens e telefones cenográficos, que dá conexão a um áudio ressaltando a história de cinco dos 'Justos', dentre esses dois brasileiros[42], mais uma vez uma tática de contrastar a história do Holocausto ao contexto nacional. No espaço central desse ambiente, entre os painéis sobre os ‘resistentes’ e o painel sobre os ‘Justos’, situa-se uma instalação com várias faixas de tecidos que representam a relação dos nomes dos 22 mil 'Justos' e . No final, um painel com cartografia elucida as rotas de fuga e salvamento dos judeus desde as praias dinamarquesas, de onde puderam partir em barcos para a Suécia.

[42] Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, brasileira que prestou serviços ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil (MRE), órgão também conhecido como Itamaraty. Foi a segunda esposa do escritor João Guimarães Rosa. E Luis Martins de Souza Dantas, diplomata brasileiro que, atuando na França sob o ofício de missão diplomática brasileira, concedeu vistos para o Brasil a vários judeus e outras minorias perseguidas pelos nazistas durante a II Guerra Mundial, contrariando a política vigente do governo de Getúlio Vargas.

Figuras 32 e 33. Instalação cenográfica 'Justos entre as Nações' e cartografia que apresenta as rotas de salvamento dos judeus a partir da Dinamarca, em direção à Suécia.

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

O sexto ambiente temático, *As Marchas da Morte*, foca na evacuação dos últimos guetos e dos campos nazistas de extermínio e trabalho forçado, ação que se iniciou em meados de 1944, tornando-se mais intensiva a partir de janeiro de 1945. A maior parte dos prisioneiros saiu a pé, andando enormes distâncias por longos dias de caminhada, em pleno inverno europeu. Muitos não sobreviveram.

Além do texto inicial, esse ambiente mostra a reprodução da obra *Navio de Emigrantes* (1939-1941), de criação de Lasar Segall[43], que representa o sofrimento humano na fuga da perseguição e da guerra.

Um cenário principal exibe imagens de cartografias e infográficos com rotas de onze marchas da morte trilhadas a partir dos campos de concentração durante o período final da guerra. Na frente desse cenário, o vídeo *Caminhada, Passagens e memórias* (2009-2010), da artista Luise Weiss.

[43] Lasar Segall foi um pintor de origem judaica, nascido na Lituânia. Mudou-se para o Brasil em 1923. A tela original pertence ao Museu Lasar Segall – IPHAN / MinC.

Figuras 34 e 35. Texto de abertura e reprodução da obra de Lasar Segall; e painel Marchas da morte e projeção de vídeo da artista Luise Weiss.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

Do lado esquerdo desse painel central, imagens de sobreviventes percorrendo no campo de concentração de Mauthausen (Áustria) estão instaladas, como no quinto módulo, em cabos de aço sobre a estrutura que refere-se a uma cerca de campo de concentração e que desune esse núcleo do anterior. Do lado direito, uma parede exibe uma grande imagem de sobreviventes cadavéricos trilhando uma marcha da morte. A parede mostra algumas aberturas, como se estivesse sinalizando para o fim da Guerra e o retorno à vida.

Figura 36. Terminais com depoimentos no primeiro plano e painel com imagem de marcha da morte e aberturas ao fundo.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

O sétimo e último ambiente temático, *Retorno à Vida She'rit Hapleita*. *Chegada dos Judeus no Brasil*, mostra, entre outros temas, dados sobre o momento pós-guerra: as importantes rotas migratórias internacionais de destino dos judeus sobreviventes; as rotas de imigração para o Brasil, com realce para o estado do Paraná; a formação do Estado de Israel; e a participação do Brasil na II Guerra Mundial.

Na abertura do ambiente, ao lado do texto inicial, partes de vídeos com testemunhos de sobreviventes sobre o momento da libertação estão expostos em dois monitores de TV. Os vídeos foram editados a partir de fragmentos de depoimentos dos sobreviventes do Paraná, da coleção da USC Shoah Foundation.

Figuras 37 e 38. Texto de abertura e monitores de TV que apresentam depoimentos de sobreviventes; e imagem da tela de vídeo com depoimento de Moshe Klein.

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

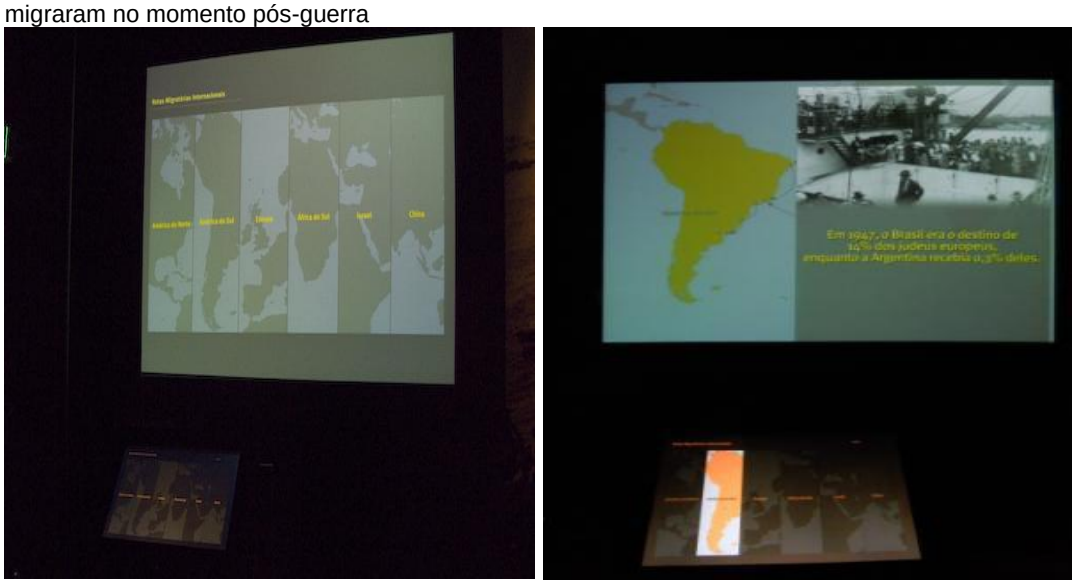
A seguir, painéis iconográficos exibem imagens de reencontros. A imagem principal mostra crianças recolhidas de abrigos cristãos na Grécia antes de emigrarem para Israel. As imagens secundárias apresentam crianças em campos de concentração após a libertação e em orfanatos, judeus refugiados em estações de trem, entre outros.

Figura 39. Painel com imagens de reencontros

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

Seguindo o trajeto, uma instalação multimídia mostra os seis principais destinos para onde os judeus migraram no momento pós-guerra: América do Norte, América do Sul, Europa, África do Sul, Israel e China.

Figuras 40 e 41. Instalação multimídia que apresenta os seis principais destinos para onde os judeus migraram no momento pós-guerra



Fonte: Base7 Projetos Culturais.

Logo após a instalação multimídia, encontra-se um painel com a ampliação de um grande mapa que dispõe as rotas imigratórias de judeus destinadas ao Brasil, com ênfase para o Paraná. Sobre esse mapa, estão instaladas reproduções de cartazes e folhetos de propaganda que mostravam o Brasil como um iminente destino de imigração judaica.

Figura 42. Painel cartográfico e iconográfico com rotas imigratórias destinadas ao Brasil e imagens de folhetos de propaganda.

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

Na parede contraria, um texto dá inico a história da comunidade judaica no Paraná, as ondas migratórias para o mencionado estado e a criação da Comunidade Judaica em Curitiba. Uma projeção mostra fotografias das famílias de imigrantes

judeus que se definiram no Paraná, provenientes de arquivos pessoais da comunidade local. Assim, a recordação de um ente querido ausente pode se tornar imediata pelos visitantes parentes das vítimas retratadas nessa instalação.

Figura 43. Projeção de imagens de famílias de imigrantes judeus que se estabeleceram no Paraná

Fonte: Base7 Projetos Culturais.

Entre o painel cartográfico e iconográfico com rotas imigratórias designadas ao Brasil e a projeção de imagens de famílias de imigrantes judeus do Paraná, localiza-se uma instalação em homenagem às vítimas do Holocausto e aos sobreviventes que imigraram para o estado. Essa instalação dispõe de placas de vidro sobre as quais textos foram aplicados em vinil de recorte: 'Permita que as suas almas estejam em paz; e que elas possam estar unidas à corrente da vida eterna. Amém' (esta em homenagem às vítimas do Holocausto, em hebraico e português) e 'Homenagem aos sobreviventes da Shoá que encontraram no Paraná um novo lar'. Próximo a essa frase, situa-se os sobrenomes de todas as famílias de judeus determinados no estado.

Figura 44. Instalação em homenagem às vítimas do Holocausto.

Fonte: Base7 Projetos Culturais

Prosseguindo para o final do trajeto, encontra-se um cenário que dá contexto a atuação do Brasil na II Guerra, que compatibilizou com o vigor do Estado Novo, conduzido por Getúlio Vargas, e definido pela concentração do poder, pelo nacionalismo e anticomunismo. Independentemente das barreiras colocadas à liberdade de expressão dos imigrantes pela política nacionalista corrente, a atitude do governo brasileiro era de neutralidade. Todavia, perante aos ataques a navios mercantes nacionais por submarinos nazistas, o Brasil declarou guerra contra o Eixo em agosto de 1942. A lembrança dos brasileiros da atuação do Brasil na guerra condiz com à história dos 'pracinhas'[44]. O primeiro grupo de militares brasileiros chegou à Itália em julho de 1944, para auiliar os norte-americanos na soltura da Itália, ainda sob dominação nazista. Apesar das circunstâncias prejudiciais enfrentadas – frio intenso e terrenos montanhosos –, os 'pracinhas' alcançaram vitórias importantes contra os alemães, ao recobrarem regiões estratégicas, como Monte Castelo, Montese, Castelnuovo, entre outras. Entre os triunfantes brasileiros, havia 42 combatentes de origem judaica (Base7 Projetos Culturais, 2011).

A cena de fundo desse cenário traz a seguinte manchete do Jornal O Dia de Curitiba, publicada em 08 de maio de 1945: "Raiou o dia da vitória". A vitrine na frente do cenário exibe uma coleção de documentos e objetos, com enfoque para os pracinhas, dentre os quais: um envelope censurado de correspondência (1944); um folheto Por que nós Brasileiros lutamos contra os Alemães? (sem data); uma coleção

[44] Diminutivo de praça, termo que designa soldado.

de selos com propaganda antinazista (déc. 1940); e uma medalha de guerra atribuída ao soldado João Rodrigues de Castro (1942/1945).

3.4. O Museu do Holocausto de Curitiba em execução

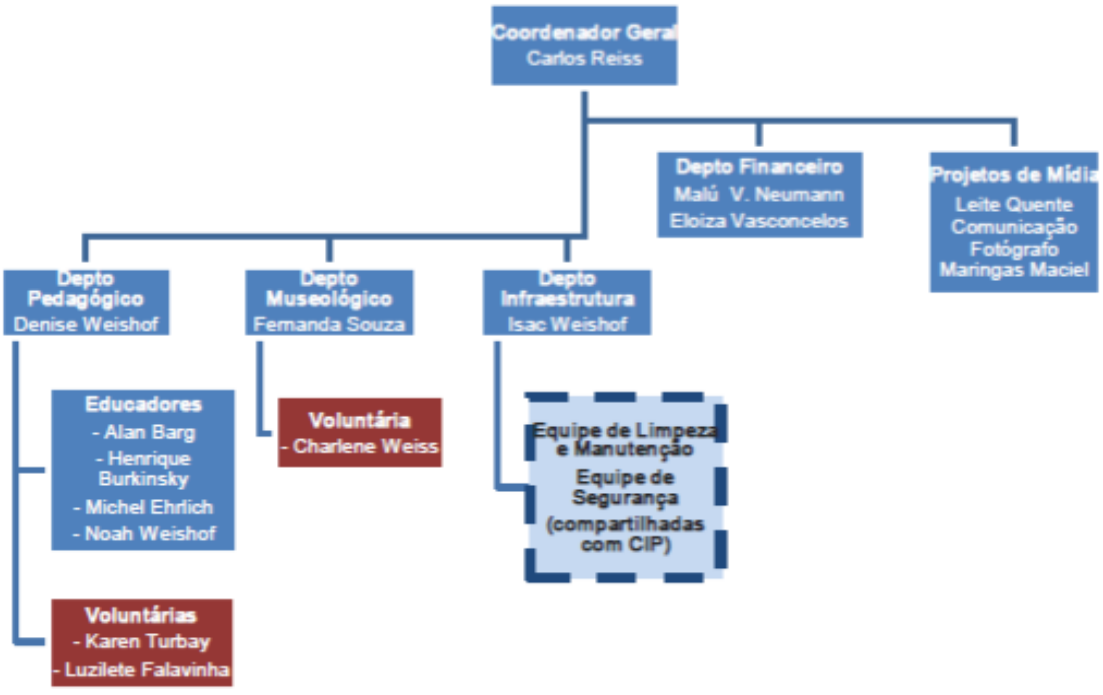
O Museu do Holocausto de Curitiba se consiste numa associação cultural e educacional, com desempenho no campo da história aplicada à pesquisa, preservação e comunicação da memória e história do Holocausto. Nessa perspectiva, estabele a sua linha de atividades em quatro pilares: Memória, Documentação, Investigação e Educação. Seus fundamentais objetivos:

- Conservar fontes documentais que proporcionem a preservação da memória do Holocausto e sua disponibilização para pesquisas científicas.
- Achegar a memória e história do Holocausto do corpo social judeu e da sociedade, na conjuntura local e nacional.
- Tornar-se em instituição de referência de estudo e ensino do Holocausto no cenário local e nacional.
- Proporcionar um espaço dinâmico de debates e reflexões aprofundadas de assuntos relativos ao Holocausto.
- Divulgar o evento do Holocausto a partir da disseminação de valores universais, fundamentados na tolerância e no convívio sereno entre os povos.
- Firmar a construção de uma cultura de paz, de superação do ódio, racismo, discriminação e intolerância.
- Caracterizar-se como instituição transmissora entre o corpo judeu do Paraná e outras institições judaicas, localizadas no Brasil e no mundo, associadas à memória do Holocausto.
- Proporcionar o acesso democrático e inclusivo ao Museu e a suas ações educativas e culturais .

3.4.1. Organograma institucional

A logística e o planejamento do projeto de ações museológicas do Museu do Holocausto de Curitiba são produzidos por uma equipe técnica dimensionada, constituída por três coordenadores de departamentos diferentes: Departamento Pedagógico, Museológico e de Infraestrutura. Todos os departamentos estão sob ocontrole de um coordenador geral. O Conselho Consultivo é formado pelo presidente Miguel Krigsner, pelo coordenador geral Carlos Reiss e pela coordenadora do Departamento Museológico, Fernanda de Souza. Esse conselho determina a programação de exposições; a inclusão de novos itens ao acervo; baixas patrimoniais; solicitações de empréstimo, entre outros conteúdos relativos ao ambiente puramente cultural e educativo do Museu.

Figura45. Organograma do Museu do Holocausto de Curitiba.



Fonte: Carlos Reiss.

Em novembro de 2014, o Museu começou um programa formal de Voluntários, fundamentado na Lei do Voluntariado[45]. O Museu oferece uma cartela de projetos e os voluntários escolhem com qual querem contribuir.

[45] Lei federal 9.608 de 18 de fevereiro de 1998. Mais detalhes em:

3.4.2. Salvaguarda do acervo

As práticas relativas à salvaguarda patrimonial estão organizadas nos princípios da documentação museológica dos acervos sob a guarda do Museu, da conservação preventiva dos acervos em áreas de exposição e reserva técnica, da manutenção dos espaços expositivos, de circulação interna, externa e entorno.

O acervo do Museu é formado por documentos e objetos referentes ao período da 'vida plena' judaica, do Holocausto e pós-guerra, como passaportes, documentos de imigração, cédulas, selos, cartas, documentos de identidade, etc. Os procedimentos de admissão são variados: aquisição, empréstimo em comodato e doações provenientes de coleções particulares e/ou institucionais.

A catalogação do acervo é efetuada frequentemente em grupo pelo coordenador geral, a coordenadora do Departamento Museológico e uma voluntária. Os dados são ordenados num sistema de gerenciamento completo de coleções: museológico, arquivístico, multimídia e biblioteconômico. Encontram-se atualmente 434 objetos e documentos catalogados e armazenados na reserva técnica. Em torno outros 600 itens e 4 mil fotografias estão em decurso de catalogação.

O Museu também dedica-se na expansão de suas coleções de documentos e objetos oriundos de sobreviventes e familiares, colecionadores e outras instituições. Em sua página inicial de seu site, o Museu convida a comunidade a fazer doações temporárias de documentos referentes à imigração; objetos ligados ao período do Holocausto; fotos históricas do período antecedente, durante e pós II Guerra Mundial; livros e filmes originais relativos ao Holocausto; objetos e documentos ligados a homenagens e comemorações, incluindo medalhas, placas, etc; e documentos sonoros, iconográficos e cartográficos[46].

3.4.2.1. Recolhimento de depoimentos

A exposição de longa duração expõe fragmentos de 14 depoimentos licenciados junto à USC Shoah Foundation. Outros 21 depoimentos originários da

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9608.htm.

[46] Mais detalhes em: http://www.museudoholocausto.org.br/doacoes

citada fundação foram licenciados para disseminação em projetos de exposições itinerantes desenvolvidas pelo Museu e/ou oferecidos em seu site.

Concomitantemente, o Museu também solicita pessoas a relatarem histórias sobre o Holocausto. O site do Museu dispõe de um formulário[47] fundamentado no trabalho feito pelo USHMM, instituição com a qual estabeleceu sociedade educativa em maio de 2014.

O Museu já elaborou 32 'Cartões de Identificação' fundamentados nos depoimentos coletados sobre as experiências de vítimas reais perseguidas durante o Holocausto, buscando com isso unir a história do Holocausto ao visitante comum.

Atualmente o Museu tem sido buscado por familiares de sobreviventes para gravar depoimentos em vídeo. No entanto, esses contatos estão sendo direcionados para o Projeto Arqshoah[48] do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), devotado à localização dos últimos sobreviventes no Brasil e à gravação de seus testemunhos em vídeo, visto que o Museu não possui estrutura para tal ação.

3.4.2.2. Comunicação

O espaço de Comunicação está disposto no entendimento de que o Holocausto faz parte da identidade, história e da memória coletiva não só do povo judeu, mas também da humanidade. Vindo desse contexto mais geral, o Museu do Holocausto de Curitiba proporciona ações culturais e educativas dirigidas a diversos públicos, focando o respeito à diversidade humana a partir da memória e história do Holocausto, procurando atentar seu público dos perigos da intolerância e da indiferença, e motivá-lo para a concepção de uma cultura de paz.

A exposição de longa duração do Museu caracteriza-se como o principal meio de comunicação museológica da instituição, sendo o produto claro de um processo de musealização direcionado à idealização de uma narrativa expositiva facilitadora da disseminação de conhecimento, ou seja, da instauração de relações entre o público e o Museu.

---

[47] Disponível em http://www.museudoholocausto.org.br/PDF/Formulario_Registro_sobreviventes_Holocausto_2.pdf.
[48] Mais detalhes em http://www.arqshoah.com.br/indicacao/.

4. CONSIDERAÕES FINAIS

Após estudos apresentados por meio de referenciais teóricos bibliográficos, este trabalho buscou apresentar um pouco mais sobre os lugares de memória, tendo como objeto de estudo o Museu do Holocausto de Curitiba.

Apresentando como objeto de estudo o Museu do Holocausto localizado em Curitiba, este trabalho buscou mostrar um pouco de seu percurso expositivo, sua salvaguarda de acervo e a comunicação para com a comunidade judaica e para o resto do visitante comum.

Pode-se considerar que o museu, ao aderir sua vocação social e política baseada em noções de igualdade, inclusão social, desenvolvimento e emancipação, transforma-se num instrumento importante de promoção dos direitos humanos, do exercício da cidadania e da dignidade humana ao ocasionar o reconhecimento e a

valorização de identidades culturais e memórias de comunidades locais, acercando o homem de seu patrimônio; ao assentir ao homem se expressar criativamente; ao celebrar a diversidade procurando colaborar para a coesão social das comunidades; ao promover a inclusão de públicos esquecidos (pessoas com deficiência, em situação vulnerável, etc.), buscando diminuir as desigualdades de participação social; ao possiblitar um espaço para reflexões e debates sobre temas relacionados a diferenças, justiça e igualdade; ao proporcionar a emancipação a partir da democratização de acesso ao conhecimento e da formação de sujeitos críticos, entre outros.

No panorama mais exclusivo do estudo de caso do presente trabalho, é notado que os fenômenos de musealização do Holocausto no mundo refletem os contextos políticos, sociais e culturais de seu ambiente, aflorando das relações das sociedades com suas memórias desse acontecimento traumático. Vimos que essas relações são problemáticas e que caminham ao lado com os movimentos das memórias coletivas e os processos que as transformam em uma fala política repartida por grupos sociais.

Foi possível reconhecer a importância das exposições como principal modo de comunicação museológica nas instituições visitadas, por meio de narrativas facilitadoras da disseminação de conhecimento e, portanto, da instauração das relações entre o público e a instituição.

Assim pode se concluir que o Museu do Holocausto de Curitiba, bem como as outras instituições dedicadas à pesquisa, preservação e comunicação da memória

e história do Holocausto, exercem a sua função social na sociedade, por intermédio de suas exposições de longa duração e de uma linha programática de ações culturais e educativas relacionadas na disseminação de valores universais, baseados na tolerância e na convivência propicia entre os povos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, M. & BRUNO, M. C. O. (Introdução. **Um momento de Reflexão sobre nosso passado museológico**. In Bruno, M. C. O. (Coord.). (2010). **O ICOM/Brasil e o pensamento museológico brasileiro: documentos selecionados.** (Vol. 1, pp. 17-21). São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus,1995.

ARENDT, Hannah; **Eichmman em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal.** Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

ARENDT, H. **"The image of hell". In: _____. Essays in understanding 1930-1954: formation, exile and totalitarianism**. New York: Schocken Books, 1994.

ARENDT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. Copyright renovado, by Mary McCarthy West Published: arrangement with Harcourt Brace Jovanovich, Inc, 1979.

BASE7 PROJETOS CULTURAIS. **Museologia, Museografia e Expografia. Relatório Final: Projeto Museu do Holocausto de Curitiba**. São Paulo, Base7 Projetos Culturais, 2011.

BASE7 PROJETOS CULTURAIS.**Projeto Museu do Holocausto de Curitiba. Pró-memórias de reuniões de produção**. São Paulo, Base7 Projetos Culturais, 2011.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. José Lino Grünnewald e publicado em A idéia do cinema. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. (1a ed.). São Paulo: Editora Contexto. 223 p, 2012.

FREIRE, P. (2011). **Educação como prática da liberdade**. (14a ed.). Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

GIL, I. **Holocaust, History and Memory. Teaching the Shoah in History Classes in Israeli High Schools**. In Israel Studies. (Vol. 14, n. 2, pp. 1-25). Bloomington, IN: Indiana University Press, 2009.

GOUVEA, R. R. **A Comunidade judaica de Curitiba – 1889 -1970**. Dissertação de mestrado em História do Brasil, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1980.

GUARNIERI, W. R. C. **Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial**. In Bruno, M. C. O. (Coord.). Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. (Vol. 1, pp. 147-159). São Paulo: Pinacoteca

do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 1985.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. (2a ed.). São Paulo: Edições Vértice, 1990.

KRIGSNER, M. **Miguel Krigsner e o Museu do Holocausto, em memória da Humanidade**. Entrevista. In Revista Panorama. (pp. 22-25). Curitiba, Paraná, 2012.

LE GOFF, J. **Memória**. In Enciclopédia Einaudi. **Memória-História.** (Vol. 1. pp. 11-50). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda,1994.

LE GOFF, Jaques. **História e memória**. 2. Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

MENESES, U. T. B. De. **Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico**. In Anais do Museu Paulista. (Nova Série, vol. 2, pp. 9-42). São Paulo: Universidade de São Paulo 1994.

MENESES, U. T. B. De. **A problemática da identidade cultural nos museus: de objetivo (de ação) a objeto (de conhecimento)**. In Anais do Museu Paulista. (Nova série, n. 1, pp. 207-222). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993.

MENESES, U. T. B. de **A história, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das ciências sociais**. In Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. (n. 34, pp. 9-23). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1992.

MOUTINHO, M. C. **A Construção do objecto museológico. In Cadernos de sociomuseologia – Centro de Estudos de Sociomuseologia**. (Vol. 4, n. 4, pp. 7-59). Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1994.

NORA, P. **Entre memória e história. A problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. In Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. (n. 10, pp. 7-28). São Paulo: Projeto História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

POLLAK, M. **Memória e Identidade Social. In Revista Estudos Históricos**. (Vol. 5, n. 10, pp. 200-212). Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas - CPDOC/FGV, 1992.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In Revista Estudos Históricos. (Vol. 2, n. 3, pp. 3-15). Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getulio Vargas - CPDOC/FGV, 1989.

POMIAN, K. Colecção. In Enciclopédia Einaudi**. Memória-História**. (Vol. 1, pp. 51-86). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.

WEBER, Marx. **Escritos Políticos**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 2014.